



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS**  
**LICENCIATURA EM BIOLOGIA**

**ALICE BASTOS DOS SANTOS**

**PERSPECTIVAS DE JOVENS ORIUNDOS DE UMA COMUNIDADE  
RURAL DE CRUZ DAS ALMAS SOBRE EDUCAÇÃO FORMAL E  
OPORTUNIDADES DE TRABALHO**

Cruz das Almas - BA

2015

**ALICE BASTOS DOS SANTOS**

**PERSPECTIVAS DE JOVENS ORIUNDOS DE UMA COMUNIDADE  
RURAL DE CRUZ DAS ALMAS SOBRE EDUCAÇÃO FORMAL E  
OPORTUNIDADES DE TRABALHO**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Colegiado de Graduação de Licenciatura em Biologia do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Biologia.

Orientadora: Carolina Saldanha Scherer

Cruz das Almas - BA

2015

ALICE BASTOS DOS SANTOS

**PERSPECTIVAS DE JOVENS ORIUNDOS DE UMA COMUNIDADE  
RURAL DE CRUZ DAS ALMAS SOBRE EDUCAÇÃO FORMAL E  
OPORTUNIDADES DE TRABALHO**

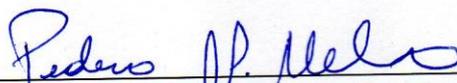
Monografia defendida e aprovada pela banca examinadora

Aprovado em 07/05/2015



---

Prof.ª. Dr.ª. Carolina Saldanha Scherer  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



---

Prof. Me. Pedro Nascimento Melo  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



---

Prof. Dr. Jesus Manuel Delgado Mendez  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**Dedico este trabalho a todos os Jovens do Meio Rural que saem de suas comunidades para trabalhar ou estudar em Centros Urbanos deixando para trás amigos e família para lutar por melhoria de condições. Em especial àqueles de São Bento em Barra do Mendes – BA, e àqueles do Corta-Jaca em Cruz das Almas – BA.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus Pais, por todo amor e apoio, minha Mãe Ana, que com muita luta me manteve no caminho acadêmico, ao meu Pai Dilson que deixou os estudos, ainda jovem, para cuidar dessa criança.

Aos meus irmãos Adilson e Lucas e todos os meus familiares que sempre me apoiaram;

Ao meu primo Toni por me mostrar os caminhos de contraponto ao sistema capitalista.

Ao meu companheiro Aurélio por todo amor e cuidado;

Ao Grupo Canto Coral UFRB pelos belos momentos que passamos juntos;

Aos professores e Professoras, Marcos Teixeira, Marcio Lacerda, Pedro Melo, Rogério Ribas, Márlon Paluch, Susana Pimentel, Jesus Mendez, Phellippe Marback, Rosana Almassy, Rosineide Mubarack, Renato Almeida e Gabriel Ribeiro.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carolina Saldanha Scherer por ter topado esse desafio, não tenho palavras para agradecer todas as contribuições, a compreensão e a força que me deu, obrigada pelo carinho “Menina Sabidinha”;

A todos os servidores da UFRB;

Aos Trabalhadores terceirizados, em especial Sr. Cristiano;

Aos meus amigos e amigas, a Tuma de Lic. Biologia 2010.2 especialmente: Dona Luzia, Thaís, Marta e Lidiane, e aos demais, Tâmara, Tamires, Francisco, Douglas, Jardel, Virmondes, Analu e outros.

A Associação Comunitária de Corta-Jaca e Tapera por conceder a possibilidade de realização deste trabalho, em especial ao Sr. Pedro que não só orientou sobre os locais de entrevista, como durante as conversas falou um pouco da vasta experiência em Movimentos, contribuindo com os rumos da pesquisa;

E aos Jovens do Corta-Jaca que aceitaram participar das entrevistas e fazer parte deste trabalho.

Gratidão!

“[...] Se não pode se vestir com nossos sonhos

Não fale em nosso nome.

Não mais construir casas

Para que os ricos morem.

Não mais fazer o pão

Que o explorador come.

Não mais em nosso nome!”

*Mauro Iasi*

## RESUMO

A escolha de dialogar com as perspectivas de Jovens da Zona Rural sobre Educação e Trabalho partiu de um resgate identitário, um sentido de pertencimento com o tema. A delimitação do tema partiu do entendimento dos processos que o cercam, como por exemplo, a necessidade de deslocamento para continuar os estudos após o término do Ensino Fundamental II e as problemáticas do mesmo, a migração de jovens da Zona Rural para a cidade em busca de melhores oportunidades, e o processo de marginalização que acomete os jovens que não encontram tais oportunidades, dentre tantos outros fatores. O objetivo principal da pesquisa foi conhecer as percepções de jovens oriundos de uma comunidade rural de Cruz das Almas sobre oportunidades de trabalho e estudo, e suas perspectivas de futuro. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa foi realizada na comunidade do Corta-Jaca, que fica situada a oito quilômetros da cidade de Cruz das Almas - BA e tem em torno de 14 jovens no perfil da pesquisa, sendo que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito deles, dois homens e seis mulheres. As entrevistas traziam questionamentos sobre Estudos, Trabalho, Permanência/Migração e Perspectivas de futuro. Conclui-se que na pluralidade do campo, os Jovens vivem entre aproximações e distanciamentos de realidades, mas, ambos compartilham desafios diários de deslocamento, de dificuldade em conseguir emprego e do dilema entre permanecer no campo ou migrar para a cidade. O fato é que o que mais os aproxima é a necessidade de manter os laços de não esquecer onde fica a fonte.

**Palavras chave:** Jovens da Zona rural, Educação, Trabalho, Perspectivas.

## ABSTRACT

The choice of dialogue with the young people's perspectives in the rural area about Education and Labor came from a identity rescue, a sense of belonging with this theme. The delimitation of the study theme came from the understanding of the processes that surround it, such as the need to travel to pursue further studies after the end of elementary school and the problems related to this, the youth migration from the countryside to the city in search better opportunities, and the process of marginalization that affects young people who do not find such opportunities, among many other factors. The main objective of the research was to understand the perceptions of young people coming from a rural community of Cruz das Almas Municipality on job opportunities and study, and their future prospects. To achieve this goal the research was conducted in the Corta-Jaca Community, which is located at eight kilometers from the town of Cruz das Almas – Bahia State, and has around 14 young people in the research profile, the semi-structured interviews were conducted with eight of them two men and six women. The interviews asked about studies, work, permanence/migration and future prospects. We conclude that the plurality of the field, the Young people live among similarities and differences of realities, but both share daily challenges of displacement, difficulty in getting employment, the dilemma between staying in the countryside or migrate to the city. In fact what unites them is the need to maintain ties not to forget where is the source.

**Keywords:** Young rural area , education , work , perspective

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Relação entre as três principais categorias da pesquisa. ....	30
Figura 2. Níveis de escolaridade dos entrevistados. ....	32
Figura 3. opinião das entrevistadas quanto à possibilidade de haver Ensino Médio na comunidade onde moram.....	37
Figura 4. Relato das entrevistadas sobre preconceito no Ensino Médio.....	40
Figura 5. Relação de jovens que exercem atividade remunerada. ....	42
Figura 6. Perspectivas de Permanência ou Migração dos jovens entrevistados. ....	46

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Unidades de Registro e Subcategorias identificadas sobre trabalho remunerado. ....	31
Tabela 2. Unidades de Registro e Subcategorias identificadas sobre Perspectivas. ....	32
Tabela 3. distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por situação do domicílio, segundo o nível de instrução.....	47

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIE	Aparelho Ideológico do Estado
ANDES	Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
ARE	Aparelho Repressivo do Estado
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ES	Ensino Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNE	Plano Nacional da Educação
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. REVISÃO DE LITERATURA .....	17
2.1 Breve Histórico da Educação Escolar .....	17
2.2 Educação Para a Zona Rural .....	19
2.3 Trabalho: Entre concepções e efetividade .....	22
2.4 Juventude da Zona Rural .....	24
3. METODOLOGIA .....	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	30
4.1 Educação Formal .....	31
4.2 Trabalho Remunerado .....	31
4.3 Perspectivas .....	32
4.4 Unidades de Contexto .....	32
4.4.1 <i>Desafios na Escolarização</i> .....	32
4.4.2 <i>Conexão entre os conteúdos do Ensino Médio e a realidade dos jovens da Zona Rural</i> .....	36
4.4.3 <i>Possibilidade de oferta do Ensino Médio na Comunidade onde moram</i> .....	37
4.4.4 <i>Continuidade dos Estudos</i> .....	39
4.4.5 <i>Preconceito na escola por ser da zona rural</i> .....	40
4.5 Trabalho .....	42
4.6 Permanência/Migração .....	46
5. CONCLUSÃO .....	49
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	51
7. ANEXOS .....	54
8. APÊNDICES .....	59

## 1. INTRODUÇÃO

Na baixa idade média, surgiram os Burgos, onde as pessoas formavam centros urbanos e de comércio, e a sociedade que antes se baseava nas comunidades rurais e suas produções, tomou uma nova forma. Desde aquele período, o espaço rural passou a ser desvalorizado já que os centros burgueses eram mais atrativos, assim se as pessoas quisessem trocar os produtos da roça teriam que se deslocar para os centros e atender às exigências daqueles espaços.

Os Burgueses formaram uma classe chamada Burguesia (com essa denominação a partir do séc. XIX), a qual modificou de diversas formas a sociedade, desafiando o poder do clero e do império. Se antes eram estes que manipulavam e exploravam a população, com o tempo esse domínio passou a ser da Burguesia.

A história do Brasil também é resultante de diversos processos de dominação. Desde a chegada dos portugueses em 1500, a história do país é baseada na exploração, seja ela dos recursos naturais ou humanos, entre a pseudo abolição da escravidão e a pseudo independência, sua construção revela um emaranhado de encobrimentos sobre a realidade de seus povos.

A história da educação no Brasil também é reflexo desses processos de apropriação, o sistema de ensino e a escola também foram construídos enquanto ferramenta de manipulação, fosse do Imperador, General ou Presidente.

Segundo Saviani (2003), a educação passou por diversas modificações, desde os ensinamentos dos Jesuítas, até o projeto do Marquês de Pombal que não obteve sucesso, perpassando pelo jogo de responsabilidade entre estado e províncias, até finalmente a constituição de 1946, que define a educação como direito de todos. Além disso, essa constituição estabelece o ensino primário como obrigatório para todos e gratuito nas escolas públicas, além de determinar à União a tarefa de fixar as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Porém, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que foi iniciada em 1947 e aprovada em vinte de dezembro de 1961, não

atendeu às expectativas. Apesar das constantes necessidades de mudanças na educação a LDB mais recente é de 1996.

Sobre a LDB de 1961, Saviani (2003, p. 194-195) ainda afirma que:

O próprio texto incluía expressamente, entre os motivos de isenção da responsabilidade quanto ao cumprimento da obrigatoriedade escolar, o “comprovado estado de pobreza do pai ou responsável” e a “insuficiência de escolas”. Reconhecia-se, assim, uma realidade limitadora da democratização do acesso ao ensino fundamental, sem dispor os mecanismos para superar essa limitação.

Segundo o mesmo, a Lei 5692 de 11 de agosto de 1971, que “fixa as diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus” também não reverte essa limitação:

Ao justificar a profissionalização universal e compulsória do ensino de segundo grau, o Relatório do Grupo de Trabalho que elaborou o texto dessa lei critica o dualismo anterior do ensino médio aludindo ao slogan “ensino secundário para os nossos filhos e ensino profissional para os filhos dos outros”. Com esse slogan o Relatório estava sugerindo que as elites reservavam para si o ensino preparatório para ingresso no nível superior, relegando a população ao ensino profissional destinado ao exercício das funções subalternas. Para corrigir essa distorção converteu-se a formação profissional em regra geral do ensino de segundo grau devendo, pois, ser seguida por todos indistintamente (SAVIANI, 2003, p. 195).

No entanto, segundo Saviani (2003), a mesma Lei introduz distinção entre terminalidade ideal ou legal, que corresponde à escolaridade completa de primeiro e segundo graus com a duração de onze anos, e terminalidade real, preconizando-se a antecipação da formação profissional, o que para ele:

Em outros termos, admitiu-se previamente que nas regiões menos desenvolvidas, nas escolas mais carentes, portanto, para a população de um modo geral, a terminalidade real resultaria abaixo da legal, isto é, chegaria até os dez anos de escolaridade ou oito, sete, seis ou mesmo quatro anos correspondentes ao antigo curso primário; ainda assim, também nesses casos o aluno deveria receber algum preparo profissional para daí passar diretamente ao mercado de trabalho. Com isso a diferenciação e o tratamento desigual foram mantidos no próprio texto da lei, apenas convertendo o slogan anterior neste outro: “terminalidade legal para os nossos filhos e terminalidade real para os filhos dos outros” (SAVIANI, 2003, p. 195).

Após esse contexto da História da Educação, é possível entender a influência das escolas na manutenção da divisão de classes baseadas na exploração pela “venda”

da força de trabalho, como afirma Althusser (1970 apud , LINHARES et al 2007, p. 1503):

Ora, é através da aprendizagem de alguns saberes práticos (savoir-faire) envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados. Os mecanismos que reproduzem este resultado vital para o regime capitalista são naturalmente envolvidos e dissimulados por uma ideologia da Escola universalmente reinante, visto que é uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a Escola como um meio neutro.

A classe dominante que explora a classe trabalhadora também necessita da manutenção do poder e o faz através da reprodução da sua ideologia. Esse processo de dominação se configura enquanto violência simbólica:

“Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (BORDIEU & PASSERON, 1975 apud SAVIANI, 1988, p. 29).

Ou seja, não é de interesse da classe dominante que a educação tenha um caráter emancipador, mas, que seja um Aparelho Ideológico do Estado de acordo com a classificação de Althusser (1970 apud LINHARES et al, 2007).

Essas relações de poder e domínio sobre a educação por parte da classe dominante resultou em um atraso educacional histórico, afetando as comunidades marginalizadas pela Burguesia, dentre elas as comunidades rurais. Portanto, se hoje estudantes saem da zona rural para cursar o ensino médio na sede das cidades e não encontram condições adequadas de transporte e estrada, ou se a escola da zona rural não tem estrutura necessária para atendê-los, ou se os jovens saem do campo a busca de trabalho em grandes cidades sem concluir os estudos, pode-se pensar que isso é nada mais do que a repetição da história do Brasil.

Não é possível dissociar a formação acadêmica da formação social do ser, não é possível discutir as nuances da educação, e formar-se Professor ou Professora sem a compreensão: “De onde venho?”.

Durante a vivência no Curso de Licenciatura em Biologia, muitas experiências e aprendizados obtidos estimularam um resgate identitário, um sentido de pertencimento à Zona Rural que dentro das ocultações do sistema capitalista não havia despertado. Dentre estes, podem ser citadas todas as discussões das Teorias Pedagógicas, dos temas e problemas do sistema de ensino e das escolas, as vivências extra Universidade, nas discussões do Encontro Regional de Agroecologia no Crato-CE, nos cursos de formação política, nas vivências com o movimento estudantil e no Encontro Internacional de Agroecologia em Botucatu-SP.

A partir daí, qualquer formação que não permitisse a correlação com a realidade do meu povo mostrou-se insuficiente, ou até irrelevante. Porém, sabe-se que o desafio da formação de professores neste processo é muito grande, sendo que a maioria dos cursos não prepara o docente a partir do seu contexto de vida para atuar de acordo com sua identidade social, como afirma Arroyo (2010, p. 13):

“Esse traço tão enraizado e persistente na visão dos profissionais da educação escolar tem levado à formação de um perfil neutro, generalista, insensível à dinâmica social, sem capacidade de analisá-la e de compreender as especificidades dos tempos e espaços onde se exerce a docência ou a gestão”.

A partir desse entendimento, vários contextos relacionados à zona rural foram pensados como tema de pesquisa. Porém, dentre eles o dilema da juventude do campo frente as oportunidade de trabalho e educação foi o que impulsionou o presente estudo.

A delimitação do tema foi motivada pelo entendimento dos processos que o cercam, como por exemplo, a necessidade de deslocamento para continuar os estudos após o término do Ensino Fundamental II e as problemáticas do mesmo, a migração de jovens da Zona Rural para a cidade em busca de melhores oportunidades, e o processo de marginalização que acomete os jovens que não encontram tais oportunidades, dentre tantos outros fatores que serão discutidos ao longo do trabalho.

Diante destas reflexões, objetivou-se pesquisar as percepções de jovens oriundos de uma comunidade rural de Cruz das Almas sobre trabalho e estudo, analisar as

questões apontadas pelos jovens da comunidade, sobre as perspectivas em relação à escolarização, sobre os desafios referentes a deslocamento para estudar ou trabalhar. E ainda, investigar se há jovens que não estão estudando e o porquê, além de dialogar sobre suas expectativas em relação ao futuro.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Breve Histórico da Educação Escolar

A história da educação no Brasil e no Mundo é também resultado de lutas sociais, porém esta, na verdade se constituiu de acordo com os interesses políticos de cada época.

No império Romano, toda a atenção do imperador em “seus” estudantes tratava-se de uma observação dos seus futuros funcionários, segundo Ponce (2007). “Os assuntos ensinados estavam, além disso, fortemente impregnados de patriotismo e celebravam a todo momento a glória do príncipe” (PONCE, 200, p. 79).

Nesse mesmo contexto, Ponce (2007) afirma, no discurso de Eumenes, a evidência de que o imperador escolhia os professores com o mesmo cuidado com que escolhia seus capitães. Plutarco também descrevera a utilização da educação para habituar os Espanhóis a viverem em paz com os Romanos. “As armas não tinham conseguido submetê-los a não ser parcialmente; foi a educação quem os domou.” (BOISSIER, 1891 apud PONCE, 2007, p. 81).

Em outro momento, no Brasil, foi iniciado também um processo de doutrinação através dos jesuítas, que através dos seus ensinamentos manipulavam os índios, trocando as armas dos soldados portugueses pelos dogmas da igreja católica permeados pelos interesses da Coroa.

Esse processo de dominação e doutrinação passou por diversos momentos da história, e entre armas e imposições ideológicas se configura a distinção de Althusser (s.d apud SAVIANI, 1988), de Aparelho Ideológico do Estado (AIE) e Aparelho Repressivo do Estado (ARE), quando um “não dá conta”, o outro entra para manter a ordem.

Para ilustrar o significado desta denominação será utilizado um exemplo: O sistema Escolar é um dos aparelhos ideológicos do estado, desta forma as Universidades, assim como todas as instituições de ensino são regidas por normas desse AIE.

“Quando a razão instrumental subordina a razão crítica, quando a “pesquisa operacional” anula o pensamento crítico torna-se impossível identificar o que é o bem comum e quais “os problemas da realidade nacional” que deveriam ser priorizados” (BIANCHI, 2008, p. 58).

Porém, as vivências, leituras e construções contribuem com o entendimento de classe e com a organização de estudantes e professores. Um dos resultados desse despertar são os movimentos de ocupação de reitorias e demais manifestações pelas Universidades e instituições públicas. Quando o AIE não dá conta de “domar” a classe, entra o ARE de diversas formas, primeiramente pela coerção administrativa que ao falhar opta pela força policial. Essa relação é muito mais complexa, e envolve conceitos não explorados no texto, porém, trata-se apenas de uma ilustração.

Essa construção de uma escola enquanto AIE é resultado de uma sociedade de classes, e é, portanto, um modelo de educação voltada para a dominação da classe que se estabelece no poder, a Burguesia. “O direito, o exército e a burocracia (em suas áreas específicas), bem como a escola, não tem outra serventia senão reproduzir a hierarquia da estrutura de classes” (LESSA, 2012<sup>a</sup>, p. 39).

Ao longo do tempo a escola passou por transformações que subentendiam uma adaptação à necessidade da população, porém, o que se configurava era na verdade manipulação da burguesia para que as transformações atendessem aos seus interesses e ao mesmo tempo parecessem necessárias à população. Foi assim com o surgimento da Escola Nova, anterior a ela, segundo Saviani (1988), o lema era “Escola para todos” onde a Burguesia advogava uma escola para todos por sua necessidade de estabelecer uma ordem democrática consolidada, ao mesmo tempo em que o proletariado poderia participar da política e das decisões.

Porém, começaram a acontecer as divergências políticas e as escolhas de voto dos dominados que eram consideradas “menos pior”, as quais não eram as mesmas dos dominantes. Então a classe dominante chegou à conclusão que a escola não estaria funcionando bem e que seria necessária uma reforma. “E surgiu a Escola Nova, que

tornou possível, ao mesmo tempo, o aprimoramento do ensino destinado às elites e o rebaixamento do nível de ensino destinado às camadas populares” (SAVIANI, 1988, p. 63).

Dessa forma não há como acreditar em uma real mudança na funcionalidade da escola: “Desconsideram ou colocam em segundo plano as necessidades e possibilidades autenticamente humanas em favor das necessidades e possibilidades de reprodução do capital” (LESSA, 2012<sup>a</sup>, p. 37).

A teoria materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produto de circunstâncias diferentes e de educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado. Leva, pois, forçosamente, à divisão da sociedade em duas partes, uma das quais se sobrepõe à sociedade [...]. A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser aprendida e racionalmente compreendida como prática transformadora (MARX s.d apud MÉSZÁROS, 2008, s.p).

Porém Saviani (1988) resalta que a escola é ainda assim um espaço de disputa, que em contraponto aos interesses capitalistas surgiu, por exemplo, a proposta da “Escola Nova Popular”, movimento ao qual Paulo Freire foi exemplo de luta tendo como alvo principal a alfabetização de adultos.

## **2.2 Educação Para a Zona Rural**

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010):

Em situação urbana, consideraram-se as áreas, urbanizadas ou não, internas ao perímetro urbano das cidades (sedes municipais) ou vilas (sedes distritais) ou as áreas urbanas isoladas, conforme definido por Lei Municipal vigente em 31 de julho de 2010. Para a cidade ou vila em que não existia legislação que regulamentava essas áreas, foi estabelecido um perímetro urbano para fins de coleta censitária, cujos limites foram aprovados oficialmente pela Prefeitura Municipal. A situação rural abrangeu todas as áreas situadas fora desses limites. Este critério também foi utilizado na classificação da população urbana e da rural.

Porém, este conceito simplista de rural, que necessita dizer primeiramente o que é urbano para que a sua classificação seja entendida, em uma frase apesar de ser necessária não é suficiente para o desenvolvimento deste trabalho.

Com base nesse entendimento, utilizou-se a definição de meio rural apontada por Abramovay (2003 apud LIMA, 2007, p. 7-8):

Abrange três ênfases: *a relação com a natureza*, que supõe o contato mais próximo com o meio natural pelos habitantes locais do que nos centros urbanos; *as áreas não-densamente povoadas*, que possibilitam o fortalecimento dos laços de sociabilidade nas relações de vizinhança, tratado por alguns estudiosos como “sociedade de inter-conhecimento”, que reforça os laços comunitários; *a relação com as cidades*, no sentido de que o bem-estar nas áreas rurais depende em boa medida das relações de proximidade com os centros urbanos, por intermédio da maior disponibilidade nestas de atividades econômicas que se estendem até o meio rural e que criam oportunidades de melhoria das condições de vida, em termos objetivos e subjetivos.

O conceito de ruralidade é muito amplo e vem sendo resignificado ao longo da história. Portanto não foi possível abordar com o devido merecimento neste trabalho, mas, sem dúvidas será necessário em trabalhos futuros.

Tendo em vista os aspectos apontados sobre a educação ao longo do tempo, fez-se necessário buscar o que as Leis e Diretrizes apontam em relação à educação para estudantes da Zona rural, o Art. 3º do Título II da Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) traz:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, o Art. 28. do CAPÍTULO II, SEÇÃO I: Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), LEI Nº 13.005, de 25 de junho de 2014 também traz direcionamentos e metas que tratam do direito à educação, o Art. 2º, por exemplo, diz: “II - universalização do atendimento escolar; III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”;

Além de garantir que deve haver a universalização do atendimento escolar que não é esgotado pela existência ou não de escolas, mas, pelo papel que ela cumpre e as ferramentas da qual ela tem acesso, o PNE propõe a superação das desigualdades e de todas as formas de discriminação, as estratégias para o cumprimento dessas diretrizes são apresentadas em outros parágrafos como:

§ 1º Os entes federados estabelecerão nos respectivos planos de educação estratégias que: II - considerem as necessidades específicas das populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas, asseguradas a equidade educacional e a diversidade cultural. (BRASIL, 2014)

Entende-se que estas metas e estratégias são tão vazias quanto evasivas, ou seja, que não apontam formas concretas de superar desigualdades e atender a necessidades dos povos do meio rural, portanto, não se concretizam de acordo com o que foi planejado, e mesmo se fossem concretizadas, não seriam suficientes.

Desta forma Ribeiro (2010 apud RIBEIRO, 2012, p. 103-104), propõe a educação do campo como superação da educação rural, segundo ela “A educação rural constituiu-se, historicamente, associada ao modelo capitalista de ocupação da terra e de produção agrícola adotado no Brasil”. Tendo como características:

- a) Negação dos agricultores enquanto sujeitos de direitos, de cultura e de conhecimentos relacionados ao trabalho da e com a terra;
- b) Domesticação e controle dos professores e filhos e filhas dos agricultores para que incorporem o modelo de produção agrícola norte-americano;
- c) Controle da força de trabalho para que, na primeira metade do século XX, principalmente no período posterior à primeira Guerra Mundial, os trabalhadores rurais não abandonassem o campo todos de uma vez, gerando conflitos nas áreas urbanas;
- d) Exclusão social, principalmente na escola, por anular os saberes e a cultura próprios do modo de vida e trabalho dos agricultores, impondo o modelo europeu de educação e a cultura urbana, de classe média branca e cristã.

Portanto, de acordo com Arroyo (2012, p. 84) “O olhar sobre os povos do campo, sua educação fica meio que imobilizada nessa estreiteza de olhares no próprio pensamento educacional, até nos olhares mais progressistas da defesa do direito à educação crítica”.

As políticas, ou melhor, as campanhas contra o analfabetismo ou programas como pró-escola ativa e outros, sempre foram pensadas nessa imobilidade, na medida das ilusões ou da estreiteza das intenções dos governantes e do agronegócio em impor seu projeto de campo. Programas tímidos para ocultar a dinâmica de contradições e de confrontos de classes no campo (ARROYO, 2012, p. 84).

Ou seja, se o ensino nas escolas da zona rural não parte das necessidades e possibilidades de seus povos, continua por reproduzir uma ótica distorcida de funcionalidade.

### **2.3 Trabalho: Entre concepções e efetividade**

O Censo Demográfico realizado pelo IBGE (2010), ao tratar de trabalho, utiliza a concepção enquanto atividade econômica:

Considerou-se como trabalho em atividade econômica o exercício de: Ocupação remunerada em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, treinamento etc.) na produção de bens ou serviços; Ocupação remunerada em dinheiro ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, treinamento etc.) no serviço doméstico; Ocupação sem remuneração na produção de bens e serviços, desenvolvida em ajuda na atividade econômica, no setor privado, de morador do domicílio; ou Ocupação desenvolvida na produção de bens, compreendendo as atividades da agricultura, pecuária, caça, produção florestal, pesca e aquicultura, destinados somente à alimentação de, pelo menos, um morador do domicílio (IBGE, 2010, p. 31)

Contudo, é necessário compreender o trabalho em sua “essência” enquanto relação humana com a natureza, segundo Marx (1996) é realizado na transformação da natureza pelo homem para suprimento de suas necessidades, “O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas [...]” (MARX 1996, p. 303).

Neste sentido Lessa (2012b, p. 139) baseia-se em Lukács para afirmar que “O trabalho é a categoria fundante dos valores; todavia, a gênese dos valores não se encontra na relação práxis/valores, mas, na contínua mudança do ser social”.

Tendo como base este fundamento Tonet (2012, p. 52-53), afirma que:

Também como consequência da posição do trabalho como fundamento do ser social, a classe proletária por ser, no capitalismo, a produtora da riqueza material, da mais-valia e do capital será, necessariamente aquela que deverá liderar o processo de transformação social.

Ou seja, assim como a educação, a divisão do trabalho também é resultado da sociedade de classes, uma divisão baseada na exploração da força de trabalho do proletariado.

A educação através da escola contribui na manutenção dessa divisão, dentre outras formas produzindo profissionais em áreas específicas que atendam as necessidades que a Burguesia necessita, ou seja, educação para servir.

Consequentemente, a escola, longe de ser um instrumento de equalização social, é duplamente um fator de marginalização: converte os trabalhadores em marginais, não apenas por referência à cultura burguesa, mas, também em relação ao próprio movimento proletário, buscando arrancar do seio desse movimento (colocar à margem dele) todos aqueles que ingressam no sistema de ensino (SAVIANI, 1988, p. 39).

No meio rural, essa relação de exploração também é evidente, segundo Arroyo (2012, p. 88) “Os confrontos por terra e trabalho fazem parte da mesma história. Há uma tensa história do trabalho no campo que pressiona por ter lugar nos currículos”.

[...] O que confere unidade a essa enorme diversidade de trabalhadores do campo é o fato de, por diferentes mecanismos, todos eles estarem submetidos ao controle e à exploração do capital, estando sujeitos à exploração pelo avanço da concentração fundiária resultante da expansão da dominação capitalista, o que nos permite dizer que são parte da classe trabalhadora em confronto aberto ou latente com as classes dominantes do campo (ALENTEJANO, 2012 apud ARROYO, 2012, p. 89).

Barrêto & Rodrigues (2012) fazem uma análise dos conflitos latifundiários e o trabalho camponês através da obra de João do Vale, relatando a consciência de classe explícita nas letras das músicas de João, que passavam despercebidas:

[...] Então eu fui contratado pra cantar lá no interior, cheguei lá comecei a cantar pisa na fulô, pena na pimenta aquele negócio todo, aí o homem que me contratou lá, o dono fazendeiro, mas João você um homem aqui da região dos nossos só canta essas músicas assim, não tem uma música séria que fala do homem do campo, sertanejo, eu disse, tem (VALE et al., 1974 apud BARRÊTO & RODRIGUES, 2012, p. 92).

Segundo Barrêto & Rodrigues (2012) no refrão seguinte João contraria a ingenuidade do latifundiário (VALE et al., 1974 apud BARRÊTO & RODRIGUES, 2012, p. 92):

*Eu sou um pobre caboclo,  
Ganho a vida na enxada,  
O que eu colho é dividido  
Com quem não pranta nada  
Se assim continuar  
Vou deixar o meu sertão,  
Mesmo os olhos cheios d'água  
E com dor no coração.  
Vou pro Rio carregar massas  
Pros pedreiros em construção*

Vários aspectos são percebidos nessa música, Barrêto & Rodrigues (2012) apontam que a migração é vista como a última opção diante da exploração do trabalhador, realidade de muitos nordestinos que migram em busca de melhores oportunidades. Além disso, a relação de busca por trabalho no Meio Urbano envolve outras disputas que são notáveis na realidade dos jovens do Meio Rural.

## **2.4 Juventude da Zona Rural**

Segundo Dalcin & Troian (2009), o Brasil utiliza o padrão de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), que considera jovens as pessoas na faixa etária de 15 a 29 anos enquanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera jovens as pessoas em idades entre 10 a 24 anos.

Mas, para além dessa concepção as autoras trazem uma reflexão, Abramovay et al. (1998 apud DALCIN & TROIAN 2009, p. 4) explana que: “não existe uma definição universalmente aceita para os limites de idade em que se encontra a juventude”

Além disso, Bourdieu (1983 apud PEREGRINO, 2011, p. 278) discute “Juventude” para além de uma palavra:

BOURDIEU (1983) por outro lado, instigando-nos a pensar em que medida “juventude seria apenas uma palavra”, chama nossa atenção para a aparente arbitrariedade das classificações etárias, mostrando-nos que, se por um lado, “classificar” é condicionar aquilo que foi “classificado” a um “lugar” social, por outro lado, a constituição de “homogêneos” sociais (como

as classificações etárias, por exemplo) requer, sempre, um tanto de manipulação, principalmente em relação à “seleção” dos critérios de classificação.

*“La juventud es una categoría social y culturalmente construida, con duración y características específicas según la sociedad o el estrato al que se pertenezca”* (BOURDIEU, 1990 apud JURADO & TOBASURA, 2012, p. 66).

Se entender o conceito de juventude é difícil, mais difícil talvez seja conceituar juventude rural ou do campo, *“Según Zapata (2008), juventud rural es una categoría nueva que se ha originado por la conjunción de varios factores propios del sector rural...”* (JURADO & TOBASURA, 2012, p. 66).

De acordo com Carneiro (1998 apud SOARES et al., 2010, p. 4):

O rural “é um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola, a juventude rural salta aos olhos como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem na agricultura”.

Dessa forma, é possível analisar que os Jovens do meio rural vivem diferentes momentos, alguns permanecem no meio rural desenvolvendo atividades agrícolas, outros buscam oportunidades no meio urbano e outros vivem as duas realidades, dentre outras vivências os jovens do campo são heterogêneos em sua homogeneidade.

### **3. METODOLOGIA**

A área de estudo escolhida foi a comunidade rural Corta-Jaca, que pertence ao Município de Cruz das Almas – BA, ficando a oito quilômetros da sede. A comunidade tem em torno de 14 jovens no perfil da pesquisa, sendo que as entrevistas foram realizadas com oito deles, dois homens e seis mulheres, representando 50%+1 da amostra. Para preservar a identidade dos entrevistados, será utilizada a primeira letra da palavra jovem, e um número em sequência, para representá-los, por exemplo, J1 para Jovem um, e assim com os demais. Para representar todos os entrevistados será utilizada a expressão JT (Todos os Jovens).

A comunidade foi escolhida para a realização do trabalho, após assistir a apresentação dos relatórios de vivência de alguns estudantes do curso de Agroecologia da UFRB, sobre atividades agroecológicas que são realizadas por

agricultores desta localidade, que também se organizam através da Associação Comunitária de Moradores para fornecer alimentos ao Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

Inicialmente, a pesquisa seria realizada com Jovens entre 14 e 20 anos, que estivessem cursando o Ensino Médio ou já o tivessem concluído, porém ao conhecer um pouco da realidade da comunidade, percebeu-se que a maioria dos jovens tinham maior idade e não estavam cursando o Ensino Médio, portanto os critérios foram modificados, e o perfil estudado foi de Jovens entre 18 e 30 anos.

Foi realizado um estudo de campo, com pesquisa descritiva, apesar de esta estar relacionada à natureza quantitativa, segundo Gil (2007), a aplicação de entrevistas e análise dos resultados baseia-se na natureza qualitativa.

Portanto, este trabalho transitou entre a pesquisa qualitativa e quantitativa, pois, segundo Neves (1996), a combinação de técnicas quantitativas e qualitativas torna a pesquisa mais forte e reduz o problema de adoção exclusiva de um dos dois grupos.

Inicialmente, foi estabelecido um diálogo com um representante da associação de moradores da comunidade respeitando as relações de representatividade da mesma, e posteriormente foi realizada a etapa exploratória, onde foi possível a ambientação com o campo da pesquisa, e o entendimento de alguns aspectos deste espaço. Posteriormente, foi realizada a elaboração mais concreta do projeto de pesquisa pensando as possibilidades percebidas na etapa anterior.

A partir destas etapas, decidiu-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, seguindo a etapa de pré-teste dos instrumentos de pesquisa, ordem apontada por Gil (2007). As mesmas foram construídas sob a possibilidade de obter variáveis, e para fidelidade dos resultados foram feitas gravações e anotações das respostas.

As questões referiam-se ao deslocamento para estudar o Ensino Médio na sede da cidade, ou para trabalhar, a ambientação no novo espaço escolar, a qualidade do transporte e da estrada, a existência ou não de alguma forma de discriminação ou preconceito, e as perspectivas futuras sobre trabalho e educação.

A etapa seguinte consistiu na coleta de dados, nesta fase foram seguidas orientações sugeridas por Katz (1974 apud GIL, 2007, p. 130): “a) buscar apoio das lideranças locais.” Esta foi realizada através das relações com representação da associação de moradores, a qual não funciona como um estrutura hierárquica, mas, como uma organização coletiva que deve ser respeitada e consultada. “b) aliar-se a pessoas ou a grupos que tenham interesse na pesquisa”, discordando apenas do termo aliar-se, o que foi realizado foi a colaboração através de diálogos com um estudante do Curso de Agroecologia que também realizava seu trabalho de conclusão de curso nesta comunidade. “c) Fornecer aos membros da comunidade as informações obtidas”, desta forma a pesquisa foi socializada com a comunidade ao final dos trabalhos. “d) preservar a identidade dos respondentes”, foi garantido aos jovens que a pesquisa não divulgaria seus nomes.

A ética da pesquisa foi mantida através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos participantes, autorizando a realização das entrevistas e utilização das mesmas nesta pesquisa, da mesma forma foi solicitada a permissão para a realização da pesquisa à Associação Comunitária de Tapera e Corta-Jaca, através de um Termo de Anuência. Sendo que o projeto foi registrado no Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UFRB, sob o número 41911215.5.0000.0056.

A análise dos dados foi realizada a partir do método de Bardin (2004) onde são divididas três etapas: a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial.

De acordo com Rocha et al. (2008), a pré-análise se inicia desde a elaboração do projeto até a determinação do conjunto de dados “*corpus*” a ser analisado, chamado por Bardin de “leitura flutuante” do material que possibilita ao pesquisador realizar três tarefas necessárias: formular os objetos da pesquisa, suas hipóteses amplas e a determinação do “*corpus*” de investigação.

A segunda etapa, segundo Bardin (2004 apud ROCHA et al., 2008, p. 22), é a codificação que corresponde “a uma transformação dos dados brutos do texto segundo regras precisas, que permitem atingir uma representação do seu

conteúdo.” Sendo que essa transformação deve passar por três regras: o recorte, a enumeração, e a agregação, objetivando assim a descrição analítica.

A terceira etapa compreende, segundo Trivinos (2006 apud ROCHA et al., 2008), a fase de interpretação inferencial desenvolvida desde a pré-análise, a qual depende da reflexão, do aprofundamento de ideias, se possível chegando a propostas básicas de transformações.

O objetivo deste trabalho, inicialmente, era realizar a pesquisa com Jovens que estivessem estudando no Ensino Médio, de forma que a entrevista semi-estruturada traz mais questionamentos acerca desse tema, porém, a realidade da comunidade foi diferente do esperado.

Dentre os sujeitos foco da pesquisa, havia apenas dois jovens cursando o Ensino Médio, um destes não se encontrava na comunidade e o outro não aceitou participar da entrevista. Diante desta situação, os rumos da pesquisa foram modificados, e a mesma foi realizada com os demais jovens da comunidade, sendo que alguns deles não aceitaram participar. Devido ao caráter das entrevistas, os questionamentos foram sendo moldados de acordo com os elementos apresentados no diálogo.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir do método de Bardin (2004), foram identificadas três Categorias Perspectivas, Educação Formal e Trabalho Remunerado. Dentro de cada Categoria foram identificadas subcategorias que são mostradas nas figuras abaixo, primeiramente são apresentadas as Categorias organizadas em forma de esquema.

Figura 1. Relação entre as três principais categorias da pesquisa.



Fonte: Trabalho de campo

#### 4.1 Educação Formal

Tabela 1. Unidades de registro e subcategorias identificadas sobre Educação Formal. EF: Ensino Fundamental; EM: Ensino Médio; ES: Ensino Superior.

SUBCATEGORIAS IDENTIFICADAS	UNIDADE DE REGISTRO
Estuda Atualmente	(4) J5; J6; J7; J8.
Não estuda Atualmente	(4) J1; J2; J3; J4.
Parou os estudos no EF	(3) J1; J2; J3.
Concluiu o EM	(1) J4;
Concluiu curso no ES	(1) J8;
Estuda Atualmente no ES	(4) J5; J6; J6; J8.
Estudando Pós-Graduação	(1) J8.

Fonte: Trabalho de campo

#### 4.2 Trabalho Remunerado

Tabela 1. Unidades de Registro e Subcategorias identificadas sobre trabalho remunerado.

SUBCATEGORIAS IDENTIFICADAS	UNIDADE DE REGISTRO
-----------------------------	---------------------

Não trabalha	(2) J5; J6
Trabalha	(6) J1; J2; J3; J4; J7; J8.
Trabalha na Agricultura	(4) J1; J2; J3; J7.
Trabalha na Cidade	(4) J1; J3; J4; J8.

Fonte: Trabalho de campo

### 4.3 Perspectivas

Tabela 2. Unidades de Registro e Subcategorias identificadas sobre Perspectivas.

SUBCATEGORIAS IDENTIFICADAS	UNIDADE DE REGISTRO
Pretende continuar os estudos	(8) JT
Pretende fazer faculdade ou Curso	(2) J1; J4.
Pretende Fazer mestrado	(2) J5; J8.
Pretende fazer mestrado se não conseguir trabalho	(1) J6.
Ser Engenheiro	(1) J1.
Arrumar Emprego na cidade	(1) J2.
Pensava em ser Policial	(1) J3.
Almeja melhores salários e oportunidades	(1) J8.

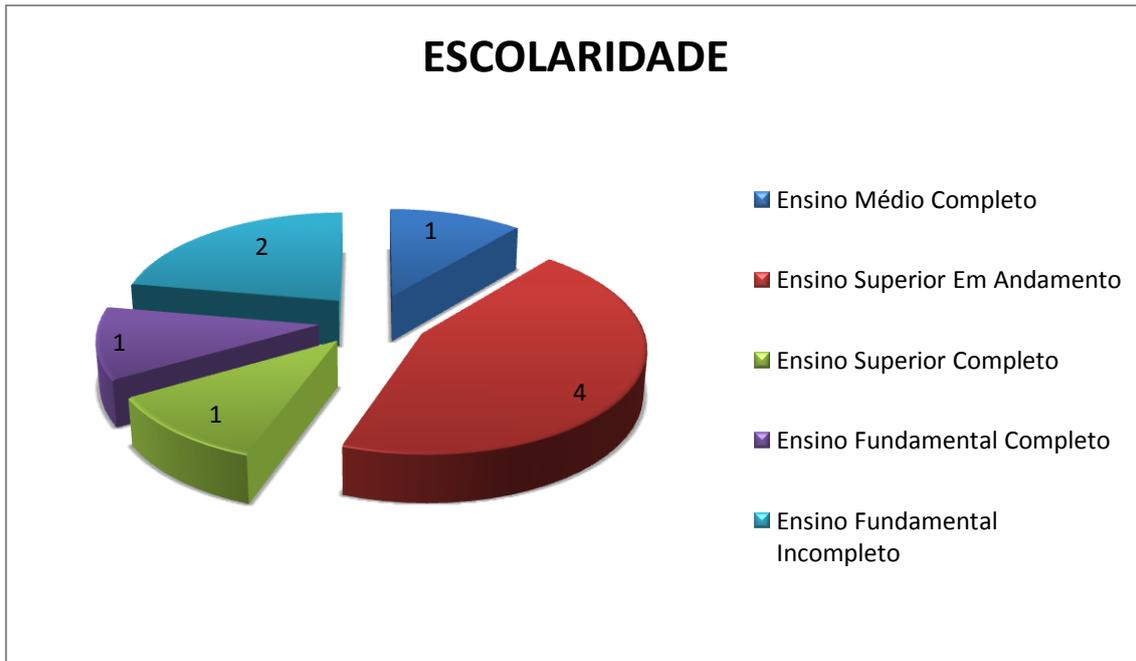
Fonte: Trabalho de campo

### 4.4 Unidades de Contexto

As Unidades de Contexto apresentadas, não estão totalmente divididas, mas, associadas, são elas: Escolarização (Conexão entre os conteúdos do Ensino Médio e realidade do jovem do campo; Possibilidade de oferta do Ensino Médio na Comunidade onde moram; Continuidade dos estudos; Preconceito na Escola por ser da Zona Rural), Trabalho e Permanência/Migração.

#### 4.4.1 Desafios na Escolarização

Figura 2. Níveis de escolaridade dos entrevistados.



Fonte: Trabalho de campo

Dentre os entrevistados J1, J2 e J3 há uma aproximação não só de discurso, mas também geográfica, de parentesco e da própria realidade, eles relatam ter deixado os estudos por necessidade de trabalhar. Para Spósito (1999 apud SILVA, 2013, p. 52):

Estudar e trabalhar são tarefas que se iniciam, para parte dos jovens brasileiros, por volta dos 15 anos de idade, o que, na Europa, ocorre por volta dos 29 anos. Esta iniciação precoce dificulta ou impossibilita a trajetória escolar ascendente, que aparece já no nível fundamental, mas que se acentua no nível médio.

Apesar da estatística apontada por Spósito, sabe-se que às vezes essa relação com trabalho começa ainda mais cedo no caso dos jovens do campo. (DAYRREL, 2003 apud SILVA, 2013, p. 52) explica que, geralmente, os jovens brasileiros encontram na escola uma visão distante da sua realidade, que a escola estaria mais preocupada com o que eles serão no futuro do que com o presente. Ou seja, a escola não é prioridade quando disputa espaço com a necessidade de se sustentar.

Segundo Freitas (1995, p. 103), a escola “[...] não foi feita para o aluno/trabalhador. Essa perspectiva só pode existir na escola a partir do momento em que há resistência. Os filhos dos trabalhadores, quando conseguem ir à escola, são eliminados dela progressivamente”.

A Jovem 4 apresenta outra realidade escolar, ela concluiu o Ensino Médio, mas, relata que houve desafios durante esse trajeto. Ela conta que na época havia transporte (ônibus), para realizar o deslocamento, mas, que o mesmo quebrava, chegando sempre atrasado; que a estrada era ruim. Relata ainda que quando chegava na escola, não encontrava mais cadeira em sua sala de aula e saía à procura de uma pela escola, e que às vezes só encontrava cadeira sem mesa. Na hora de sair da escola, ela precisava sair mais cedo por conta do horário do ônibus e que a interrupção da aula, para solicitar do professor a saída, gerava conflitos com os estudantes da cidade que por não entender a realidade dos jovens do campo, acabavam sendo preconceituosos e usando frases como: “*só atrapalha a aula esse povo da roça*”.

Vários aspectos foram apontados pelos entrevistados, de fato alguns deles podem não se aplicar à realidade atual. Porém, outros são quase crônicos, como a questão de chegar com atraso nas aulas e ter que sair mais cedo, o que se percebe hoje em dia nas escolas onde são realizados os estágios obrigatórios do Curso de Licenciatura em Biologia, ainda que não seja com uma perda de tempo/aula tão grande como a relatada por J4, é um fator que pode prejudicar esses estudantes que na maioria das vezes perdem parte da primeira aula, e praticamente não assistem à última.

Outro apontamento da fala de J4 é em relação à qualidade da estrada que é apontada como ruim, desde quando ela estudava o Ensino Médio até agora, quando realiza o mesmo percurso para trabalhar. As entrevistadas J5 e J6 também afirmam que a estrada é péssima, que quando a prefeitura não passa a máquina, a estrada fica cheia de buracos, e que, quando esse serviço é feito, a poeira aumenta muito, atrapalhando as pessoas que fazem esse percurso de moto. J7 também aponta essa realidade e relata que às vezes faz esse deslocamento através de van particular, ou de moto.

Como explicado anteriormente, dentre todos os entrevistados nenhum cursa o EM atualmente. Portanto a necessidade de transporte se dá em dois casos: para estudar no Ensino Superior que é o caso de J5, J6 e J7 e para trabalhar no caso de J4. J8

também estuda no Ensino Superior, mas, quando perguntada sobre o transporte, a mesma relatou que não mora atualmente na comunidade, que foi morar na sede da cidade em busca de melhores oportunidades.

Com o surgimento do Ensino Superior nesse contexto é necessário uma breve discussão sobre o processo de expansão do Ensino Superior no Brasil, que se propõe a ampliar as possibilidades de acesso do estudante do interior às Universidades, através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Sabe-se que este programa tem suas contradições, segundo Dossiê Nacional 3 do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES, o crescimento do número de vagas discentes não foi acompanhado pelo aumento do número de vagas para professores, que segundo a meta do Reuni deveria atender a proporção 18/1. Essa relação já seria insatisfatória uma vez que tal condição não analisa as especificidade e necessidades dos cursos, porém, na realidade existem salas de aula superlotadas muitas vezes com proporções acima de 70 estudantes por professor. Além disso, dentre outros gargalos existem deficiências relacionadas à estrutura, assistência, permanência e qualidade de ensino, que caracterizam uma precarização das Universidades Públicas que aderiram ao programa.

Mesmo que o objetivo de ampliar o acesso, tenha se tornado uma massificação, o fato é que para os jovens do interior e principalmente da Zona Rural que tinham poucas oportunidades de acesso ao Ensino Superior Público que geralmente se concentrava nas capitais, ter uma Universidade Pública Federal em suas cidades ou nas cidades circunvizinhas foi um meio facilitador de continuidade aos estudos.

Exemplo disso são as entrevistadas J5, J6, J7 e J8, as quatro são estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. J5 e J6 fazem o curso de Agronomia, J7 cursa Agroecologia e J8 Gestão de Cooperativas. É evidente que as jovens não fogem dos seus contextos ao optarem por cursos ligados à agricultura e ao Cooperativismo.

Não é possível assegurar que estas pessoas não estariam no Ensino Superior se não houvesse a UFRB, até porque J8 através do ensino à distância se graduou em Letras e faz pós-graduação em Psicopedagogia, mas, é possível aferir que a UFRB enquanto Universidade Pública cumpre sim um importante papel de Inclusão no Recôncavo.

#### *4.4.2 Conexão entre os conteúdos do Ensino Médio e a realidade dos jovens da Zona Rural*

Todas as entrevistadas que concluíram o Ensino Médio afirmaram que não havia ou que havia muito pouco da correlação entre os conteúdos ensinados e a realidade de vida das mesmas, enquanto moradoras da zona rural, como pode ser percebido nas falas abaixo:

*“Não era assim um ensino bem qualificado pra nós, eu acho que eles poderiam se esforçar mais” (J4).*

*“Não, o que eu estudava lá era bem diferente da minha realidade, não tinha nada a ver os conteúdos abordados lá com a realidade dos alunos do campo” (J5).*

*“Lá não, mas, na UFRB como eu faço agronomia tem muita coisa relacionada, mas, lá na escola não” (J6).*

*“Alguns sim, outros não” (J7).*

*“Muito pouco, eu acho que na realidade fugia um pouco do nosso contexto da nossa realidade da gente que morava na zona rural, aí tinha muita cobrança, muitas pesquisas e a gente não tinha esse acesso todo, então eu acho que na verdade o ensino era mais direcionado às pessoas que moravam, o pessoal da cidade, pelo meu entender eu acreditava que era isso” (J8).*

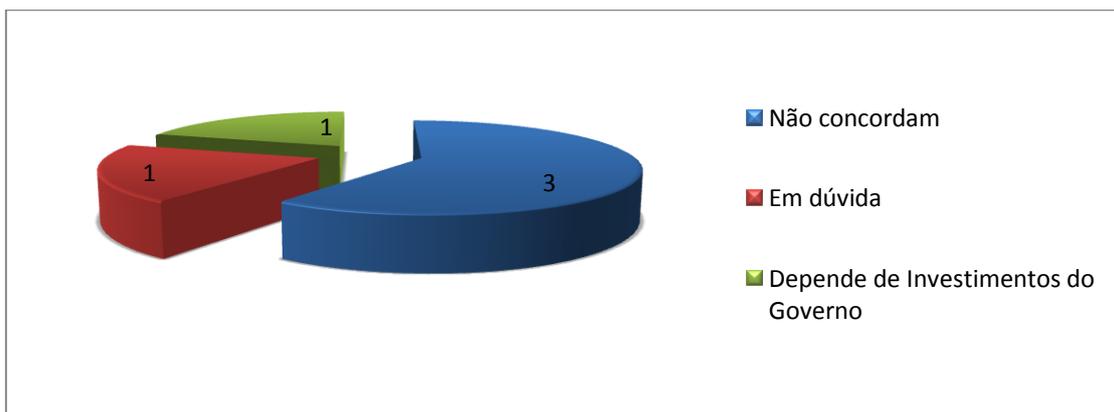
Portanto o que é apontado pela LDB, mencionado no Referencial Teórico deste trabalho, fica realmente na teoria. Por exemplo, O Art. 28. do CAPÍTULO II, SEÇÃO

II da (LDB, 1996) diz que: “conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural”. Porém, a vivência das Jovens entrevistadas mostra o contrário, demonstra que o currículo do Ensino Médio não é preparado para atender aos seus contextos de vida.

Sabe-se que atualmente o Governo tem transformado aos poucos o Ensino Médio em Ensino Técnico, inclusive com o curso de Agroecologia, mas, esta política está longe de ser suficiente no processo de contextualização do Jovem com sua realidade. É necessário reafirmar que qualquer educação que não venha das reais necessidades do campo, e para o campo não atenderá à necessidade dos seus sujeitos.

#### 4.4.3 Possibilidade de oferta do Ensino Médio na Comunidade onde moram

Figura 3. opinião das entrevistadas quanto à possibilidade de haver Ensino Médio na comunidade onde moram.



Fonte: Trabalho de campo

Apesar das condições apontadas na Unidade de Contexto anterior, onde as Jovens disseram não haver relação entre os conteúdos do Ensino Médio e a realidade do Jovem da Zona Rural, quando foi perguntado se a oferta do Ensino Médio na comunidade onde moram seria uma solução, as cinco apresentaram ponderações afirmando que haveria mais aspectos positivos do que negativos neste processo.

*“Não, eu acho que assim, o povo da zona rural tem sim de conhecer outras pessoas, tem sim de ir à cidade também, porque se for só ficar na zona rural também, só vai viver, assim não vai ter outro conhecimento né, da realidade lá fora, eu sei que aqui*

*em questão dos transportes, seria bom ter o terceiro ano aqui, mas pras pessoas conhecerem outras coisas seria melhor lá, porque até se um dia eles quiserem sair daqui pra trabalhar na cidade, eles não vão conhecer praticamente nada lá, e vai ter uma grande dificuldade” (J4)*

*“Acho melhor na cidade, porque o ensino aqui no campo é muito ruim, e eu acho que o da cidade não é o ideal mais acaba sendo melhor do que o daqui” (J5).*

*“Eu acho que não, pra mim a cidade é melhor porque lá a convivência com as pessoas é melhor do que só conviver com o pessoal da zona rural, é bom pra troca de experiência né, porque aqui as experiências são as mesmas né” (J6).*

Quando foi perguntado a J6 porque considerava o ensino no campo ruim ela respondeu: *“Eu acho que as professoras não são capacitadas como deveriam ser, e eu acho também que pelo fato de uma professora ter que dar aula três turnos, eu acho que acaba não dando tempo pra ela se organizar mais, planejar uma aula melhor, acho que acaba sendo esse motivo”.*

*“Tem o ponto positivo e o negativo, porque o positivo é se a pessoa ficar só na zona rural fica preso só ali na zona rural e não se desenvolve quando vai pra cidade, e o ponto negativo é que muitas vezes tem dificuldade para os alunos se deslocarem daqui pra zona urbana” (J7).*

*“Só se o governo investisse mais em meios tecnológicos e em bons profissionais, porque eu acho que ninguém quer trabalhar mais na zona rural” (J8).*

A maioria das Jovens disse não concordar com a oferta do Ensino Médio na Comunidade onde moram, a Figura 3 ilustra essa divisão de opiniões em porcentagem.

De acordo com Figura 3, três das Jovens não acham que o Ensino Médio deva ser ofertado na comunidade onde moram, enquanto uma relatou dúvida e outra disse que para isso seria necessário mais investimentos do Governo. É necessário refletir

que apesar da maioria não concordar com essa proposta, elas assinalam as razões dessa resposta e estas necessitam de uma contextualização.

Por exemplo, a ideia de que a educação que existe hoje na zona rural é insuficiente é ruim, e emerge do histórico de construção dessa educação, o que segundo Arroyo (2012, p. 85):

É relevante mostrar que os povos do campo foram os primeiros a reagir a essas “pedagogias” opressoras com seus gestos de resistência que se radicalizam nos quilombos, nas lutas por territórios, terras, culturas, trabalho, identidades. Se no campo se ensaiaram perversos e brutais processos de opressão, subalternização, desterritorialização, de trabalhos desumanizantes, os povos do campo foram e continuam reagindo a essas brutais “pedagogias” que tentam submetê-los, desumanizá-los, desterritorializá-los, sendo os sujeitos das pedagogias mais radicais em nossa história de reação resistência e de emancipação, humanização.

Essa reflexão é importante para entender que não adianta querer o ensino no campo, porque esse não é suficiente, ele precisa ser do campo e para o campo.

A lição que deixam os povos do campo na diversidade de movimento é que sem reconhecê-los como sujeitos centrais nessa história, como sujeitos pedagógicos, toda política educacional, cultural, escolar para os povos do campo cairá em um vazio social, político, cultural e pedagógico. Vazio dos verdadeiros sujeitos educadores do campo (ARROYO, 2012, p. 86).

Apesar de apontar a Educação do Campo como única forma de educação legítima para o campo, analisa-se que a maioria das entrevistadas apontou a necessidade do contato com a Zona Urbana como razão por cursar o Ensino Médio na mesma. Porém, é justamente por isso que a educação do campo é necessária pois, não limita a percepção dos estudantes à zona rural, mas, permite processo de libertação para um conhecimento sem cercas, como aponta Arroyo (2012: 88) “Ao derrubar as cercas da terra apropriada e negada, os movimentos sociais terminam pressionando por derrubar as cercas em que foi apropriado, cercado e negado o conhecimento. O próprio pensamento educacional e o sistema escolar.

#### *4.4.4 Continuidade dos Estudos*

A vontade de continuar os estudos é evidente na fala de todos os entrevistados, inclusive um deles, o J1 afirma que gostaria de se formar engenheiro, enquanto J2 e J3, só disseram ter vontade de voltar a estudar.

A entrevistada J4 também disse ter vontade de fazer uma faculdade, ou um curso, mas, a mesma já firma as dificuldades para chegar a este objetivo, pois a mesma aponta as dificuldades dessa continuidade, como por exemplo, o deslocamento e o tempo.

O sistema de ensino não pensa as particularidades do estudante trabalhador. Portanto, uma jovem que trabalha na cidade e mora na zona rural fazendo todos os dias esse deslocamento, conciliaria mais uma atividade? Uma faculdade? Um curso? Como a mesma afirma não há transporte para tal, o trajeto diário de moto é perigoso e o curso desejado não é ofertado em Cruz das Almas. Portanto:

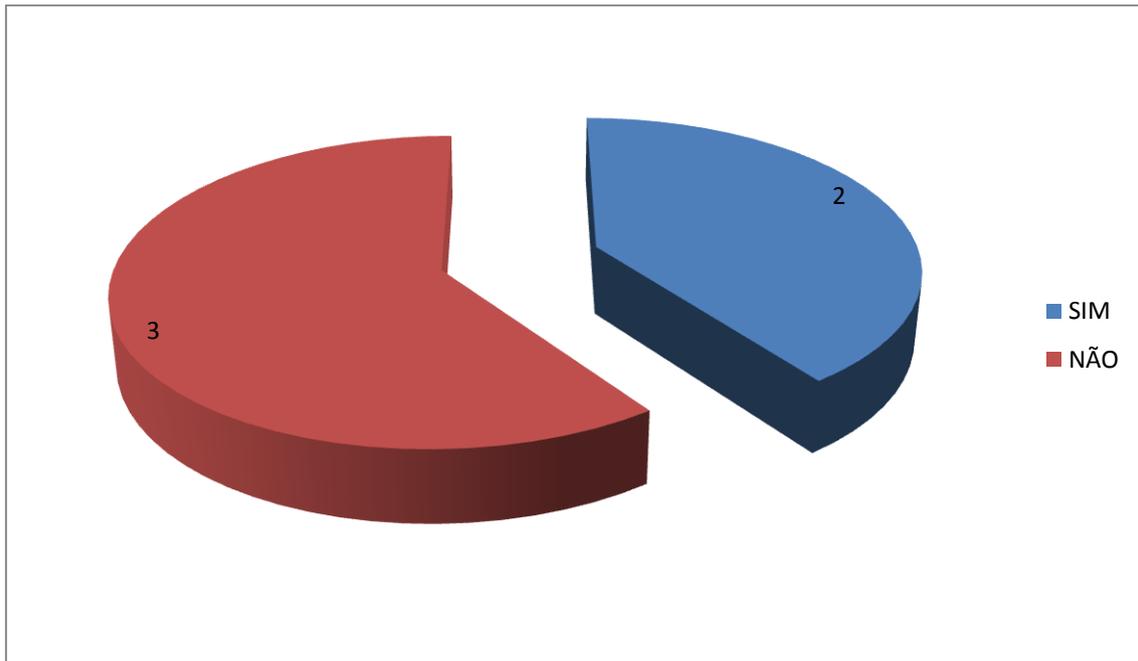
*“É algo que eu mais queria na vida, mas, não tenho condições alguma, pra mim hoje não tem” (J4).*

J5 afirmou que faria no máximo o mestrado, ao perguntar o porquê ela afirmou que *“Não sei, a princípio eu to pensando no mestrado porque eu quero ser professora”*. J8 também relata o objetivo de fazer mestrado.

A entrevistada J6 disse almejar um trabalho ao término do curso, sendo que se não houvesse essa oportunidade ela pensaria em fazer um mestrado. Enquanto J7 afirma que faria tudo que pudesse em relação à continuidade dos estudos.

#### *4.4.5 Preconceito na escola por ser da zona rural*

Figura 4. Relato das entrevistadas sobre preconceito no Ensino Médio.



Fonte: Trabalho de campo

Das cinco jovens que cursaram o Ensino Médio, duas delas afirmaram que já sofreram algum tipo de preconceito na escola por ser da zona rural:

*“Sempre, até na questão de sair mais cedo, que a gente tinha que pedir pra sair mais cedo, e atrapalhava o horário, atrapalhava na hora de ir falar com o professor, tinha que parar ali pra falar com ele que a gente tinha que sair, aí os alunos da cidade chegava (\_ah não, atrapalha a aula esse povo da zona rural), nem falava zona rural, né, falava esse povo da roça, a gente já chegava muitas vezes atrasada, por condições do transporte, do horário, ônibus lotado, na hora que passava aqui já era quase duas horas da tarde, nós já chegávamos no colégio quase três horas, sempre tinha, todos que saem da zona rural pra estudar assim na cidade sempre tem esse preconceito, chama a gente de roceiro, caipira, tudo isso” (J4).*

*“Sim, por conta de chegar atrasada, por ser da zona rural, aí todo mundo excluía, acho que hoje já mudou bastante por que hoje a gente tem mais acesso, a tecnologia e tudo, mais antes era constrangedor” (J8).*

Vários aspectos podem ser percebidos nesse contexto, o fato dos jovens da Zona Urbana não conhecerem a realidade dos Jovens do campo, por exemplo, pode ser um fator que possibilite certos julgamentos. Mas, é necessário compreender que a

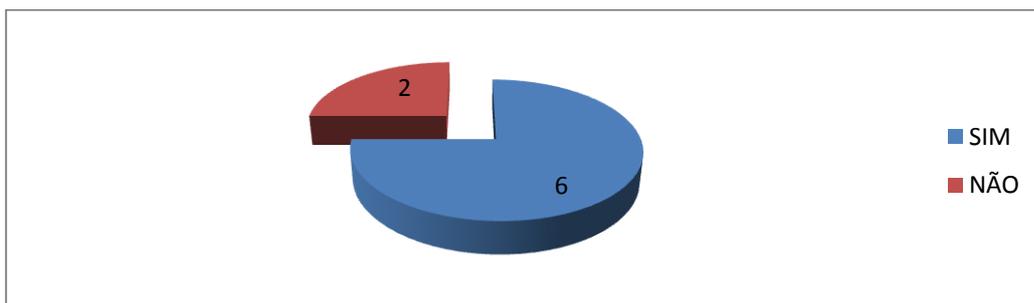
globalização e o processo de industrialização da sociedade tem grande parte na ideia de que o campo é atrasado ou que deva ser subjugado, segundo Silva (2012, p. 16):

A mídia e o sistema educacional, correspondendo aos requisitos do momento histórico, deram suas contribuições para a formação de uma subjetividade urbanizada, segundo a qual valores, usos e costumes relacionados à vida no campo deviam ser modificados por representarem um mundo arcaico, a ser deixado para trás. Reforçavam-se preconceitos e representações pejorativas do trabalho braçal, oriundos de uma herança elitista, escravocrata e conservadora que até hoje marca nossa sociedade colonizada.

A maioria das entrevistadas disse nunca terem passado por situações de preconceito, o que revela um fator positivo na vivência escolar das mesmas, mas, sabe-se que o preconceito muitas vezes se mascara entre brincadeiras e comportamentos. Mas, como a J8 apontou as coisas mudam com o tempo e o que era vivenciado por elas no Ensino Médio pode ser totalmente diferente na atualidade.

#### 4.5 Trabalho

Figura 5. Relação de jovens que exercem atividade remunerada.



Fonte: Trabalho de campo

Das oito pessoas entrevistadas, apenas duas delas não exercem trabalho remunerado, J5 e J6. Os três primeiros entrevistados e a J7 afirmaram trabalhar na agricultura, além de realizar serviço de limpeza pública pela prefeitura no caso dos entrevistados J1 e J3. J4 trabalha na cidade como vendedora em uma livraria evangélica e considera o trabalho na agricultura pesado e muitas vezes de resultado demorado, o que seria um dos motivos dos jovens procurarem emprego na cidade, como é o caso dela que vai e volta todos os dias para trabalhar na cidade.

*“Algumas pessoas sim, aqui ta tendo uma dificuldade muito grande, de pessoas que estuda que você vê que a gente aqui da zona rural luta, a gente sai no sol quente pra pegar transporte ruim, estrada ruim também, desagradável, a gente ainda chega, como no exemplo do colégio eu chegava atrasada, você ver a luta que a gente tem pra conseguir um ensino médio, porque você vê que hoje o ensino médio não é praticamente nada. Se você não tiver uma faculdade hoje ta difícil você conseguir um emprego, e depois quando é hoje você procurar até um emprego e não acha, porque só tem ensino médio, e às vezes tem até pessoas que fez faculdade e também não consegue emprego, aqui mesmo na zona rural. Aliás, Cruz das Almas ta precisando ter um curso profissional, essa semana mesmo eu tava dizendo, poxa, tantas pessoas fazendo faculdade, eu sei que é bom fazer uma faculdade pra você né, pra você ter um emprego, conhecimento tudo mais, mais eu te digo tanta gente fazendo faculdade, Cruz das Almas mesmo é um lugar que não tem oportunidade de emprego. E eu disse assim, eu que trabalho e moro na zona rural, aí no caso se eu quisesse ir e voltar não tinha transporte nem pra eu ir fazer a faculdade a noite e nem o curso, se eu quiser fazer o curso eu tenho que ir pra Feira de Santana, que vergonha! Infelizmente Cruz das Almas não tem, ta crescendo e tem coisas que não tem eu fico assim, triste né, por a gente ser morador de Cruz das Almas e não ter essa oportunidade. Tantos jovens sem oportunidade, aí hoje infelizmente muitos jovens fazem o que? entram nas drogas, roubando pra sobreviver, outros começam a se relacionar cedo, tem filho, desempregado, passa fome e tudo mais, e quando a pessoa procura um emprego não tem, a tendência é roubar, até vendem droga por ter aquele dinheiro ali pra sustentar a família e a tendência das drogas infelizmente é a morte. Porque hoje você vê os jovens não chega a sessenta anos, os jovens morre cedo por droga, o vicio, outros que não tem mesmo condições não tem um trabalho, ali vai vender esses tipos de materiais e acaba morrendo, infelizmente, a gente jovem fica triste, as vezes jovens que estudaram com a gente, quando a gente fica sabendo, ali (ah morreu), droga, não tinha emprego tinha que vender aquilo ali e acabou morrendo. O país precisa melhorar, e o jovem da zona rural hoje ta precisando muito, precisando de cursos, de trabalhos e os jovens da zona rural quando vai pra cidade, eles querem trabalhar mais muitas vezes não tem oportunidade, porque eles acham que não sabe falar direito, o ensino precário, que infelizmente o ensino público é isso mesmo, precário, e quando a gente chega lá*

*não ensina praticamente nada, nós não temos importância alguma pra sociedade, ensina de qualquer jeito e depois a gente se prejudica, infelizmente.” (J4).*

Por ser um discurso extenso não é possível fazer uma análise tão complexa que discuta todos os aspectos apontados, mas, é evidente que o seu desabafo revela a insatisfação com uma realidade excludente e injusta. Os elementos trazidos na fala da jovem permite visualizar diversos fatores sociais e econômicos que tracejam a rota dos jovens do campo e muitas vezes da cidade, ou uma “linha reta”, ou um “desvio padrão”, a linha reta seria a luta pra conseguir emprego após o ensino médio que como a mesma afirma mesmo com todo esforço “hoje não vale de nada”, e o desvio padrão seria a marginalização e o envolvimento com tráfico dos que tentam e não conseguem oportunidade na cidade. Ambos os traçados cumprindo perfeitamente a lógica do sistema capitalista.

Já a Jovem 8 relatou que atualmente trabalha como professora do Ensino Infantil em uma escola particular.

A dificuldade em conseguir emprego fica evidente ao se analisar a totalidade das entrevistas. Porém, este aspecto só surgiu a partir do diálogo com a entrevistada J4, no diálogo com a mesma surgiu este questionamento que não estava presente na entrevista semi-estruturada. Ela relata que:

*“Sim, porque hoje principalmente na cidade, tem pessoas que quando se formam eles querem ficar na zona rural, mas, tem outras que querem uma coisa melhor, então sente a vontade de procurar um trabalho mais leve que a agricultura, na cidade aí quando a gente chega lá você vê que até na cidade falar de questão de mercado de trabalho ta difícil, porque a nossa cidade não tem uma empresa, não tem uma fábrica né, e cada dia mais a tendência é piorar, e não tem aonde trabalhar, você vê a cada dia mais a taxa de desemprego ta crescendo dentro da cidade, as pessoas não têm onde trabalhar, as pessoas da zona rural também sabe que a agricultura é um trabalho pesado sofredor, acaba indo pra cidade chega lá não tem emprego a tendência é, dos jovens da maioria no nosso País, é roubo, droga, só ta vivendo disso né, então a gente pede muito a Deus que melhore, que coloque pessoas competentes pra governar o País, porque hoje infelizmente aos nossos*

*olhos não tem, em vez deles tarem focando em outros tipos de coisa deveriam focar mais na questão de educação, porque até a questão dos professores que recebem pouco, não são valorizados, e mais outra questões, tem que abrir mais fábricas, pra surgir mais vagas de emprego pros jovens, que o que eles tão fazendo agora é tirando, desempregando” (J4).*

A jovem apresenta diversos fatores como, por exemplo, as dificuldades em trabalhar na agricultura principalmente na lavoura temporária, pela demora do retorno financeiro, além do esforço físico necessário nessa atividade. J4 aponta como possível solução a implantação de mais fábricas em Cruz das Almas para geração de emprego, sabe-se que o trabalho nas fábricas é também um trabalho de exploração, onde o proletariado é submetido a uma exaustiva carga horária de trabalho, desempenhando funções geralmente “braçais”, para a produção dos lucros e da mais valia dos detentores dos meios de produção.

O capital se encarna em coisas: instrumentos de produção criados pelo homem. Contudo, no processo de produção capitalista, não é o trabalhador que usa os instrumentos de produção. Ao contrário: os instrumentos de produção — convertidos em capital pela relação social da propriedade privada — é que usam o trabalhador. Dentro da fábrica, o trabalhador se torna um apêndice da máquina e se subordina aos movimentos dela, em obediência a uma finalidade — a do lucro — que lhe é alheia (MARX, 1996, p. 34).

*“Sim, falta de experiência, e também eu acho que pelo fato de ser da zona rural, acho que tem esse preconceito também, na hora de conseguir emprego, o pessoal da cidade acaba tendo mais oportunidade também, porque eles acha que nunca vai chegar no horário certo pro trabalho” (J5).*

*“Eu já porque o simples fato de morar na zona rural tem que colocar no currículo que mora, aí eles não gostam do pessoal da zona rural porque pensam que sempre vai chegar atrasado e isso não é verdade, muitas vezes as pessoas que moram na zona rural e vai pra cidade alugam uma casa lá, se mudam pra lá não vai todos os dias, pra poder trabalhar” (J6).*

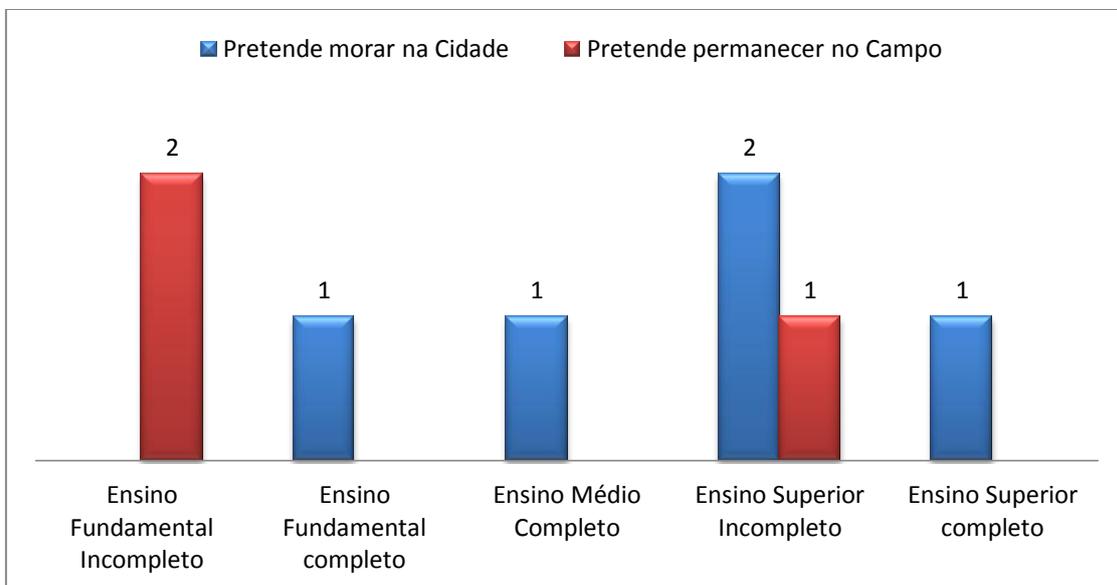
*“Muita, a falta de experiência e as oportunidades são poucas” (J7).*

“Por mais que você tenha diferencial o mercado de trabalho ta muito competitivo, eu até achava que a graduação ia ser diferencial, mas, o mercado ta muito competitivo” (J8).

Apesar da maioria das jovens ter relatado não haver preconceito na escola, quanto ao mercado de trabalho a maioria delas afirma que o preconceito com os moradores da zona rural é sim um fator que dificulta o acesso ao trabalho na Zona Urbana.

#### 4.6 Permanência/Migração

Figura 6. Perspectivas de Permanência ou Migração dos jovens entrevistados.



Fonte: Trabalho de campo

J4 afirma que nasceu na zona rural, e que ali é sua casa, mas, que o deslocamento diário para trabalhar, com o aumento da violência e dos roubos em Cruz das Almas, ela sente que o fato de ir trabalhar na cidade e retornar de moto é uma forma de colocar sua vida em risco todos os dias.

“Eu quero morar na zona rural sim, mas, pelo motivo de precisar trabalhar lá, eu trabalho lá venho e volto mais é entregando a vida a Deus porque hoje em dia anda perigoso” (J4).

*“Não, Eu já tenho cinco anos morando em Cruz, já tenho uma adaptação, não vou esquecer aqui, é onde ta minha casa, minha família, mas, pra voltar de repente casar ter filhos morar aqui não” (J8).*

*“Não, aqui é bom mais pra esses tipos de trabalho (engenharia) aqui não dá.” J1*

*“Pretendo permanecer aqui, mas, Deus é quem sabe, porque aqui é mais calmo, a cidade á agitada, e o ar daqui sempre é melhor do que o da cidade” (J2).*

*“Com certeza, porque aqui tudo é melhor” (J3).*

*“Pretendo mudar, não pretendo ficar não, mas, não quero perder o vínculo aqui não” (J5).*

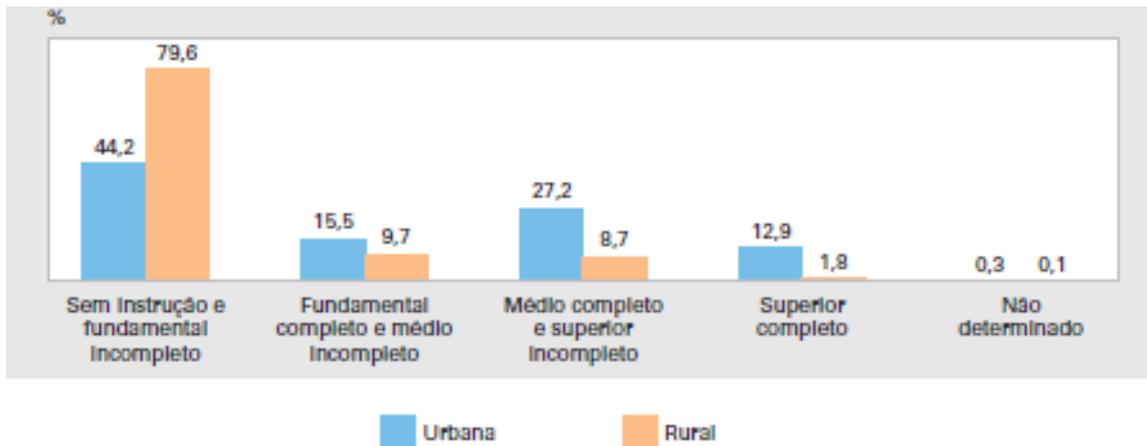
*“Porque aqui é a fazendo do meu vô, aí eu queria morar na cidade porque é mais perto de tudo, é mais fácil pra tudo, aqui eu poderia colocar em prática, mas, não pra morar” (J6).*

*“Pretendo né, depende do desenrolar das coisas, a gente não sabe, porque eu gosto da zona rural” (J7).*

Percebe-se que de acordo com o distanciamento que os jovens vão tendo da comunidade, o desejo por emigrar para a cidade se torna mais comum. Além disso, o nível de escolaridade pode influenciar na decisão de permanência ou migração, como ilustrado na Figura 6.

A partir dessa figura é possível analisar que ao passo que os jovens vão se distanciando da comunidade, através dos estudos ou de outros meios, o desejo de sair do campo para morar no Meio Urbano em busca de oportunidade pode ser mais evidente. Ao comparar os dados da Figura 6, com os dados da tabela 3 do IBGE, observa-se uma semelhança.

Tabela 3. distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por situação do domicílio, segundo o nível de instrução.



Fonte: IBGE (2010), Censo Demográfico.

Apesar de tratar-se de uma pesquisa com pessoas de 25 anos, o gráfico acima mostra que as pessoas com maior nível de escolaridade em sua maioria residem em Meio Urbano, enquanto pessoas com nível de escolaridade menor em sua maioria residem no Meio Rural.

Para não cair em uma análise simplista, devemos considerar que este é somente um dos aspectos que podem influenciar na decisão de permanecer ou não no campo. Por exemplo, uma das jovens que atualmente estuda no Ensino Superior relatou que não pretende morar em outro local se não em sua comunidade, enquanto um jovem que cursou até o Ensino Fundamental completo afirma que pretender morar na cidade.

Portanto, a escola assim como outras vivências pode facilitar a aproximação dos jovens do campo com a realidade urbana. De fato o que se observou com a pesquisa bibliográfica e com o desenvolvimento deste trabalho é que a Juventude do Campo vive um dilema de aproximação de realidade, onde o rural e o urbano estão cada vez mais próximos e a questão de permanência deixa de ser apenas uma decisão ou uma escolha e passa a ser um caminho tracejado entre o gosto pela comunidade onde vive o sentido de pertencimento, as relações de afetividade entre vizinhos e família, e as vivências de outros espaços, na Universidade, no trabalho, no Mundo que se apresenta ao subir num ônibus, van ou numa moto.

## **5. CONCLUSÃO**

Quando um objeto é traçado, pode-se ter em vista os problemas e hipóteses. De certa forma, se espera o que vem a acontecer, ainda mais quando se trata de uma realidade muito próxima da personalidade do pesquisador. A verdade é que esse objeto, independente do pesquisador, segue seu fluxo como um rio, e o que o pesquisador faz é um mergulho, profundo ou não a depender do que permite a correnteza, ou da força para lidar com ela.

O desenvolvimento deste trabalho permitiu a análise de que os Jovens da Zona Rural que compuseram a amostra são heterogêneos em sua homogeneidade, ou

seja, pertencem a uma identidade territorial e compartilham laços e aproximações, mas, ao mesmo tempo vivem seus próprios contextos, suas próprias realidades.

Por exemplo, a realidade dos três primeiros entrevistados é totalmente diferente das últimas entrevistadas.

E assim, a pluralidade do campo é que diversifica as concepções sobre o mesmo, e sobre seus sujeitos. Na Comunidade do Corta-Jaca há jovens que deixaram os estudos cedo para trabalhar vivem da agricultura e também de outros trabalhos na cidade. Outros vivenciaram os desafios do Ensino Médio e relataram problemas como o atraso dos transportes até a escola, as deficiências estruturais da mesma e algumas formas de preconceito.

Outras entrevistadas, por vivenciar a Universidade, relataram os aspectos desse universo que também exige muitos enfrentamentos. O fato é que ambos enfrentam desafios em comum diariamente como, por exemplo, o deslocamento para a cidade feito de moto ou van em estrada ruim, dificuldades de conseguir emprego na Zona Urbana, sendo que em muitos relatos essa dificuldade é relacionada com o fato de ser da Zona Rural que é colocado como empecilho de contratação pelos empregadores.

Eles compartilham também o desejo de dar continuidade aos estudos, independente do nível de ensino a que chegaram. Entre as diferentes realidades, e projetos de vida, muitos dos Jovens relataram o desejo de migrar para a cidade, uma deles já o fez, outros desejam permanecer, mas, o que mais os aproxima é o fato de manter os laços de não esquecer onde fica a fonte, pois independente do direcionamento das correntezas J1, J2, J3, J4, J5, J6, J7 e J8 são parte perene do fluxo Corta-Jaca.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. G. Trabalho e Educação nas disputas por projetos de campo. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.21, n.3. 2012.

ARROYO, M. G. Educação do Campo: movimentos sociais e formação docente. **Revista Marco Social**, São Paulo, v. 12, n. 01, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, ed.3, Lisboa: Edições 70 (2004).

BARRÊTO, R.M.J.S; RODRIGUES, S.J.D. **Conflito, Latifúndio e Trabalho Camponês na Obra de João do Vale**. In COUTINHO, A. F.; CAVALCANTI, C.R. (eds.) **Questão Agrária, Movimentos Sociais e Educação do Campo**. Curitiba: CRV, 2012.

BIANCHI, A. **Transgressões: As ocupações estudantis e a crise das universidades**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 1996. Brasília, DF: Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos: LEI Nº 13.005, DE 25 JUNHO DE 2014. Plano Nacional da Educação – PNE.

Censo Demográfico 2010: Educação e Deslocamento. Rio de Janeiro. IBGE, 2010.

DALCIN, D.; TROIAN, A, Jovem no meio rural a dicotomia entre sair e permanecer: um estudo de caso. **Anais do I Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR**, Grupo de Trabalho GT 7, Ruralidades e Meio Ambiente, Curitiba, s. n, s. ed. P 1-20. 2009.

FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas/São Paulo: Papirus, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JURADO, C. & TOBASURA, I. Dilema de la juventud em territórios rurales de Colombia: campo o ciudad? **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez u Juventud**, v. 10, n. 1, p. 63-77. 2012.

LESSA, S. Da contestação à rendição. In: BERTOLDO, E.; MOREIRA, L. A. L.; JIMENEZ, S. (Orgs.). **Trabalho, Educação e Formação Humana**. 1 ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012a.

LESSA, S. **Mundo dos Homens: Trabalho e Ser Social**. 3. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012b.

LIMA, S. R. R. Ruralidade: O debate sobre o velho e o novo no meio rural. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Grupo de Trabalho GT 01, Agricultura Familiar, Recife, s. n, s. ed. P 1-16. 2007.

LINHARES, L.L.; MESQUITA, P.; SOUZA, L. Althusser: A Escola como Aparelho Ideológico de Estado, **Anais do VII Congresso Nacional de Educação –**

**Educere “saberes docentes”– edição internacional.** Curitiba, n.7, s.ed. p. 1494-1508. 2007.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política.** São Paulo: Abril Cultural, 1996. [Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe].

MÉSZÁROS, I; **A educação para além do capital.** 2 ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em Administração. São Paulo. V.1, 1996.

PEREGRINO, M. Juventude, Trabalho e Escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Revista Cad. Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 275-291. 2011.

PONCE, A. **Educação e luta de classes.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RIBEIRO, M. Movimentos Sociais, Questão Agrária e Educação do Campo. In: COUTINHO, A.F.; CAVALCANTI, C.R. (eds.) **Questão Agrária, Movimentos Sociais e Educação do Campo.** Curitiba: CRV, 2012.

ROCHA, F. E. C. **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento**, Aplicação da Análise de Conteúdo na Perspectiva de Bardin em uma aproximação Avaliativa do Pronaf – PB. 1 ed. Platina, DF, Embrapa Cerrados, 2008.

SAVIANI, D. **História da escola pública no Brasil.** Revista de Ciências da Educação. Salvador, V. 05, n. 08. 2003.

SAVIANI, D. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze tesis sobre educação e política. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1988.

SILVA, H. M. S. **Juventude e Debate Político no processo de reestruturação do Ensino Médio Brasileiro.** Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2013.

SILVA, J. R. O campo brasileiro na atualidade: questões para reflexão e debate. In COUTINHO, A, F; CAVALCANTI C, R. Questão Agrária, Movimentos Sociais e Educação do Campo. Curitiba: CRV, 2012.

SOARES, S. K. N. F. **Anseios de Jovens Rurais face à Permanência no Campo.** Ponencia presentada al VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural, Porto de Galinhas, 2010.

TONET, I. Educação e Revolução. In: BERTOLDO, E. MOREIRA, L. A. L.; JIMENEZ, S. (Orgs.). **Trabalho, Educação e Formação Humana.** 1 ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

## 7. ANEXOS

### Formulário de questionário semiestruturado.

Número: \_\_\_\_\_ Data da aplicação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### a) Identificação

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Sexo: ( ) F ( ) M

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Comunidade: \_\_\_\_\_

#### b) Dados da entrevista

1. Você estuda no Ensino Médio? (Se não pular para questão 9)
2. Há transporte da Comunidade onde mora até a escola?
3. Se houver, qual a qualidade deste transporte?
4. Qual a condição da estrada?
5. Você se adaptou bem à escola atual?
6. Já sofreu algum tipo de preconceito na escola por morar na zona rural? Se sim qual ou quais?
7. O que é ensinado na escola se relaciona com a sua realidade? Por quê?
8. Você acha que seria melhor se houvesse o Ensino Médio na Comunidade onde mora? Por quê?
9. Você Trabalha?
10. Que tipo de trabalho realiza? É necessário ir até a cidade para tal?
11. Se não trabalha, sente dificuldade em arrumar emprego? Qual ou quais?
11. Pretende continuar os estudos?
12. Qual sua perspectiva em relação ao futuro? Pretende permanecer na comunidade onde mora? Por quê?

## TERMO DE ANUÊNCIA

O (A) **ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE CORTA-JACA E TAPERA** está de acordo com a execução do projeto **PERSPECTIVAS DE JOVENS ORIUNDOS DE UMA COMUNIDADE RURAL DE CRUZ DAS ALMAS SOBRE TRABALHO E ENSINO MÉDIO**, coordenado pelo pesquisador (A) Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> CAROLINA SALDANHA SCHERER, desenvolvido em conjunto com o (a) Discente ALICE BASTOS DOS SANTOS do (a) UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA e assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa nesta Instituição durante a realização da mesma.

Cruz das Almas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

**Nome do responsável**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS  
LICENCIATURA EM BIOLOGIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você, como Jovem morador da comunidade Corta-Jaca, no Município de Cruz das Almas, está sendo convidado(a) a participar da coleta de dados referente ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “REFLEXÕES SOBRE AS PERSPECTIVAS DE JOVENS ORIUNDOS DE UMA COMUNIDADE RURAL DE CRUZ DAS ALMAS SOBRE TRABALHO EDUCAÇÃO”. A sua participação será por meio de uma entrevista, a qual você está sendo convidado a responder. Esta entrevista poderá ser feita em sua residência ou na sede da associação de moradores da sua comunidade, ou ainda em algum outro lugar que você se sentir mais à vontade. As respostas serão registradas na forma escrita e em gravação. O objetivo deste trabalho é pesquisar a opinião de jovens de uma comunidade da zona rural de Cruz das Almas em idade escolar do Ensino Médio, se estão estudando, se não o porquê, e se sim e em quais condições, se há deslocamento para estudar na sede da cidade, de que forma é feito o transporte, a condição das estradas, dentre outras questões referente à escola, além de conversarmos sobre o que você pensa em relação a estudo e trabalho. Este trabalho poderá contribuir com as discussões acerca da necessidade de se pensar a educação do campo, além de permitir que a gente entenda melhor a ligação entre a saída dos estudantes da zona rural e as condições de estudo e trabalho na cidade. Este projeto será desenvolvido pela estudante Alice Bastos dos Santos, aluna do curso de Licenciatura em Biologia, com a orientação da professora Carolina Saldanha Scherer, ambas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a quem você poderá contatar a qualquer momento que julgar necessário, garantindo esclarecimento sobre a realização da pesquisa. Os resultados obtidos com esta pesquisa serão socializados com os moradores das comunidades onde será realizada

por meio do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante. Esta pesquisa deverá ser finalizada em Maio de 2015. A sua participação não é obrigatória e durante a aplicação da entrevista, você correrá o risco de se sentir incomodado com as perguntas e, neste caso, não será obrigado a respondê-las. Da mesma forma, terá a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. Se você aceitar participar desta pesquisa, não será identificado na apresentação dos resultados. A sua participação neste trabalho deverá ser de acordo com a sua vontade, sem direito a receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa. Sua participação no projeto contribuirá para acrescentar à literatura dados referentes ao tema Juventude do Campo e Educação. Informamos que o uso das informações oferecidas por você estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que fica situada na Rua Rui Barbosa, 710, Centro, Cruz das Almas/BA, 44.380-000, tel.: (75) 3621-6850. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e sua orientadora, somente para esta pesquisa, sendo que seus dados serão guardados por, no mínimo cinco anos. Sendo assim, se você aceitar e concordar com a participação, o fará através da assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e receberá uma cópia assinada do mesmo, conforme recomendações da Comissão Ética em Pesquisa (CEP) da UFRB.

Cruz das Almas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Profª Drª CAROLINA SALDANHA SCHERER  
Pesquisadora/Orientadora  
Email: [carolina.ss@ufrb.edu.br](mailto:carolina.ss@ufrb.edu.br)  
Tel.: (75) 9120-5108

---

ALICE BASTOS DOS SANTOS  
Estudante/colaboradora  
Email: [alicebastos3@gmail.com](mailto:alicebastos3@gmail.com)  
Tel.: (75) 9183-9507

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Rua Rui Barbosa, 710 – Centro  
Cruz das Almas/BA - 44.380-000

---

Colaborador

## 8. APÊNDICES

Quadro de representação das respostas de todos os entrevistados, dividido em Categorias, Subcategorias, Unidades de Registro, Unidades de Contexto.

J1.

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	Ensino Médio	Não estudou	Não
Educação Formal	Escolaridade	Ensino Fundamental 2	8º série
	Por que parou de estudar	Trabalho	“Porque precisava trabalhar”
	Continuar os estudos	sim	“Pretendo”
Trabalho	Exerce trabalho remunerado?	sim	“sim”

	Em que trabalha?	Agricultura, Contrato Municipal (Limpeza).	“Sou agricultor, e faço limpeza de escolas e postos de saúde.”
Perspectivas para o futuro	Trabalho, estudo, vontades.	Ser Engenheiro	“Quero estudar pra ser um engenheiro”
	Permanência na comunidade	Não	“Não, aqui é bom mais pra esses tipos de trabalho (engenharia) aqui não dá.”

J2.

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
-----------	--------------	---------------------	---------------------

	Ensino Médio	Não estudou	Não
Educação Formal	Escolaridade	Ensino Fundamental 1	4º série
	Por que parou de estudar	Trabalho	“Porque tinha que trabalhar, arrumar dinheiro”
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	Continuar os estudos	sim	“Pretendo”
Educação Formal	Escolaridade	Ensino Fundamental 2,	6º série
Trabalho	Exerce trabalho remunerado?	sim incompleto	“Trabalho”
	Em que trabalha? Por que parou de estudar	Agricultura. Trabalho	“Eu trabalho na enxada.”
Perspectivas para o futuro	Trabalho, estudo, vontades.	Emprego na cidade	“Questão do financeiro, Deus é quem precisava de dinheiro, aí ou arrumar um emprego ou vem estudar ou vem trabalhar” na cidade
	Continuar os estudos	sim	“Pretendo, Pretendo”
	Permanência na comunidade	Sim	“Pretendo permanecer aqui, mas, Deus é quem sabe.” _Por quê? “Me formar né... pra ver se eu arrumo uma coisa melhor.” _Por quê? “Porque aqui é mais calmo, a cidade á agitada, e o ar daqui sempre é melhor do que o da cidade”. _Você trabalha na Agricultura também?”
Trabalho	Exerce trabalho remunerado?	sim	“Trabalho”
	Em que trabalha?	Limpeza Pública, Agricultura.	“Limpeza Pública.”
			do que o da cidade”. _Você trabalha na Agricultura também?”

J3.

			“ Trabalho, planto inhame, aipim, tudo.”
Perspectivas para o futuro	Trabalho, estudo, vontades.	Ser Policial	“ Se fosse hoje, se eu tivesse meia idade eu queria me formar pra ser policia, mais a idade já ta meio avançada, não posso mais. ”
	Permanência na comunidade	Sim	“Com certeza”  _Por quê?  “ Porquê aqui tudo é melhor”.

J4.

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	Ensino Médio	Concluiu	“Já concluí”
Educação Formal	Escolaridade	Ensino Médio	“Ensino Médio”.
	Transporte Escolar no período do Ensino Médio	Sim	“Tinha”

	Tipo de Transporte	Ônibus	“ônibus”
	Qualidade desse transporte	Realizava o deslocamento, mas, apresentava problemas.	“Porque ó era um transporte assim, como é que eu digo, não era bom, nem tão ruim, dava pra se deslocar, mas, quebrava a gente chegava atrasada sempre, sempre eu mesma chegava atrasada lá”.
	A condição da estrada naquele período	Muito Ruim	“Muito buraco, raramente quando eles passavam a máquina, era uma estrada muito ruim, atrapalhava a questão do horário”.
	Quanto à escola onde realizou o Ensino Médio	Regular	“Razoável, faltava cadeiras, quando chegava o colégio muito cheio, a gente tinha que sair de sala em sala procurando cadeira, às vezes

			não achava, outras sentava numa cadeira só, sem mesa”.
	Preconceito na Escola do Ensino Médio	sim	<p>“Sempre, até na questão de sair mais cedo, que a gente tinha que pedir pra sair mais cedo, e atrapalhava o horário, atrapalhava na hora de ir falar com o professor, tinha que parar ali pra falar com ele que a gente tinha que sair, aí os alunos da cidade chegava _ah não, atrapalha a aula esse povo da zona rural, nem falava zona rural, né, falava esse povo da roça, a gente já chegava muitas vezes atrasada, por condições do transporte, do horário, ônibus</p>

			<p>lotado, na hora que passava aqui já era quase duas horas da tarde, nós já chegava no colégio quase três horas”.</p> <p>_Tinha mais algum tipo de piada que faziam?</p> <p>“Sempre tinha, todos que saem da zona rural pra estudar assim na cidade sempre tem esse preconceito, chama a gente de roceiro, caipira, tudo isso”.</p>
	Ensino na escola e relação com a sua realidade	Insuficiente	“Não era assim um ensino bem qualificado pra nós, eu acho que eles poderiam se esforçar mais”.
	Seria melhor se houvesse a oferta de Ensino Médio	Não	<p>“Não”</p> <p>_ por quê?</p>

	na comunidade onde vive		<p>“Eu acho que assim, o povo da zona rural tem sim de conhecer outras pessoas, tem sim de ir à cidade também, porque se for só ficar na zona rural também, só vai viver, assim não vai ter outro conhecimento né... da realidade lá fora”.</p> <p>“eu sei que aqui em questão dos transportes, seria bom ter o terceiro ano aqui, mas pras pessoas conhecerem outras coisas seria melhor lá, porque até se um dia eles quiserem sair daqui pra trabalhar na cidade, eles não vão conhecer</p>
--	-------------------------	--	--

			praticamente nada lá, e vai ter uma grande dificuldade”.
Trabalho	Exerce trabalho remunerado?	Sim	“Sim”
	Em que trabalha?	Vendedora em uma Livraria Evangélica.	<p>“Vendedora.”</p> <p>_Você trabalha na Agricultura também?</p> <p>“Não, eu trabalho na cidade”.</p> <p>“Trabalho numa livraria evangélica, no momento é no que eu to trabalhando. Já trabalhei também em loja de confecções.”</p>
	Dificuldade em conseguir emprego ao término do Ensino Médio	Sim	“Sim, porque hoje principalmente na cidade, tem pessoas que quando se formam eles querem ficar na zona rural, mas, tem outras que

			<p>querem uma coisa melhor, então sente a vontade de procurar um trabalho mais leve que a agricultura, na cidade aí quando a gente chega lá você vê que até na cidade falar de questão de mercado de trabalho ta difícil, porque a nossa cidade não tem uma empresa, não tem uma fábrica né, e cada dia mais a tendência é piorar, e não tem aonde trabalhar, você vê a cada dia mais a taxa de desemprego ta crescendo dentro da cidade, as pessoas não tem onde trabalhar, as pessoas da zona rural também</p>
--	--	--	--

			<p>sabe que a agricultura é um trabalho pesado sofredor, acaba indo pra cidade chega lá não tem emprego a tendência é, dos jovens da maioria no nosso País, é roubo, droga, só ta vivendo disso né, então a gente pede muito a Deus que melhore, que coloque pessoas competentes pra governar o País, porque hoje infelizmente aos nossos olhos não tem, em vez deles tarem focando em outros tipos de coisa deveriam focar mais na questão de educação, porque até a questão dos professores que recebem pouco,</p>
--	--	--	--

			não são valorizados, e mais outra questões, tem que abrir mais fábricas, pra surgir mais vagas de emprego pros jovens, que o que eles tão fazendo agora é tirando, desempregando”.
	Êxodo de Jovens da Comunidade	Algumas vezes	“De algumas pessoas sim”. <sup>1</sup>
Perspectivas para o futuro	Trabalho, estudo, vontades.	Fazer uma Faculdade, ou Curso.	“Olha, o meu desejo é estudar eu quero fazer uma faculdade, eu creio que se for da vontade do Senhor eu penso em fazer uma faculdade, é algo assim que eu mais quero, mas, como eu moro na zona rural, não tem transporte a noite, não tem praticamente, eu queria fazer um curso também

			não tem em cruz das Almas, vontade eu tenho, é algo que eu mais queria na vida, mas, não tenho condições alguma, pra mim hoje não tem”.
	Permanência na comunidade	Não	“É um lugar ótimo de morar, eu gosto da zona rural, nasci na zona rural, amo assim morar, mais morar aqui não por esse motivo por que em questão de trabalho...” <sup>2</sup>

<sup>1</sup> “Algumas pessoas sim, aqui ta tendo uma dificuldade muito grande, de pessoas que estuda que você vê que a gente aqui da zona rural luta, a gente sai no sol quente pra pegar transporte ruim, estrada ruim também, desagradável, a gente ainda chega, como no exemplo do colégio eu chegava atrasada, você ver a luta que a gente tem pra conseguir um ensino médio, porque você vê que hoje o ensino médio não é praticamente nada, se você não tiver uma faculdade hoje ta difícil você conseguir um emprego, e depois quando é hoje você procurar até um emprego e não acha, porque só tem ensino médio, e as vezes tem até pessoas que fez faculdade e também não consegue emprego, aqui mesmo na zona rural, aliás Cruz das Almas ta precisando ter um curso profissional, essa semana mesmo eu tava dizendo, poxa, tantas pessoas fazendo faculdade, eu sei que é bom fazer uma

faculdade pra você né, pra você ter um emprego, conhecimento tudo mais, mais eu te digo tanta gente fazendo faculdade, cruz das almas mesmo é um lugar que não tem oportunidade de emprego e eu disse assim eu que trabalho e moro na zona rural, aí no caso se eu quisesse ir e voltar não tinha transporte nem pra eu ir fazer a faculdade a noite e nem o curso, se eu quiser fazer o curso eu tenho que ir pra Feira de Santana, que vergonha infelizmente Cruz das Almas não tem, ta crescendo e tem coisas que não tem eu fico assim, triste né, por a gente ser morador de Cruz das Almas e não ter essa oportunidade, tantos jovens sem oportunidade, aí hoje infelizmente muitos jovens fazem o que, entram nas drogas, roubando pra sobreviver, outros começam a se relacionar cedo, tem filho, desempregado, passa fome e tudo mais, e quando a pessoa procura um emprego não tem, a tendência é roubar, até vendem droga por ter aquele dinheiro ali pra sustentar a família e a tendência das drogas infelizmente é a morte, porque hoje você vê os jovens não chega a sessenta anos, os jovens morre cedo por droga, o vício, outros que não tem mesmo condições não tem um trabalho, ali vai vender esses tipos de materiais e acaba morrendo, infelizmente, a gente jovem fica triste, as vezes jovens que estudaram com a gente, quando a gente fica sabendo, ali ah morreu, droga, não tinha emprego tinha que vender aquilo ali e acabou morrendo, o País precisa melhorar, e o jovem da zona rural hoje ta precisando muito, precisando de cursos, de trabalhos e o jovens da zona rural quando vai pra cidade, eles querem trabalhar mais muitas vezes não tem oportunidade, porque eles acham que não sabe falar direito, o ensino precário, que infelizmente o ensino público é isso mesmo, precário, e quando a gente chega lá não ensina praticamente nada, nós não temos importância alguma pra sociedade, ensina de qualquer jeito e depois a gente se prejudica, infelizmente.”

2“É um lugar ótimo de morar, eu gosto da zona rural, nasci na zona rural, amo assim morar, mais morar aqui não por esse motivo por que em questão de trabalho, porque a agricultura é um trabalho pesado e não dá o suficiente, é algo assim que a gente trabalha mais vai colher de ano em ano imagine, as vezes meu pai e minha mãe trabalha, mais eles vai colher de ano em ano, aí os filho tem que trabalhar na cidade pra ajudar os pais. Aí tem esse porém, no caso assim, eu quero morar na zona rural sim, mas, pelo motivo de precisar trabalhar lá, eu trabalho lá venho e volto mais é entregando a vida a Deus porque hoje em dia anda perigoso, não tem transporte e

nós sempre vem com medo nessa estrada, a gente sempre ouve, roubaram uma moto, roubaram um transporte, a gente já trabalha na cidade aí vem com a mente pesada assim, gente se roubou fulano ontem pode me roubar, podem tirar a minha vida, a nossa vida hoje nas mãos dos bandidos é algo de minutos né, eu sempre saio de casa, as vezes a violência ta tão grande que eu digo assim, Senhor será que eu vou voltar? Aí hoje se a gente for analisar né, estudo né, ensino, com mais zona rural, com mais trabalho na cidade pra vir pra zona rural você vê que pra nós é algo assim terrível a dificuldade é muito grande, porque se até aqui na zona rural tivesse um local que pagasse um salário facilitaria muito, a gente não precisava deslocar daqui pra ir trabalhar na cidade, e ia facilitar, e por isso que muitos jovens saem da zona rural pra trabalhar, e tem muitos jovens que não acha, passou aquela luta todo estudando até o ensino médio, e ta tudo em casa trabalhando na agricultura porque não tem oportunidade de trabalho nem na cidade, nem aqui”.

J5.

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	Ensino Médio	Já concluiu	“Não, já concluí”
Educação Formal	Escolaridade	Ensino Superior incompleto (Agronomia)	“Ensino superior, na UFRB”.
	Transporte da comunidade até a UFRB	Não	“Não, não”
	Como você faz esse deslocamento	Moto	“Eu vou geralmente de moto”.
	Condição da estrada	Péssima	“Péssima, é muito ruim porque passa muitos transportes e a

			manutenção a prefeitura não dá”.
	Adaptação na UFRB	Está se adaptando	“Estou na verdade me adaptando, no início foi difícil, mas, to me adaptando agora”.
	Preconceito por ser da Zona rural	Não	“Que eu lembre não”.  _Na escola do Ensino Médio? “Também não”.
	Ensino na escola onde cursou o Ensino Médio e relação com a sua realidade	Não havia relação	“Não, o que eu estudava lá era bem diferente da minha realidade, não tinha nada a ver os conteúdos abordados lá com a realidade dos alunos do campo”.
	Seria melhor se houvesse a oferta de Ensino Médio na comunidade onde vive	Não	“Acho melhor na cidade, porque o ensino aqui no campo é muito ruim, e eu acho que o da cidade

			não é o ideal mais acaba sendo melhor do que o daqui”.
	Porque considera o ensino da comunidade ruim	Falta de Capacitação para a professora e excesso de carga horária.	“Eu acho que as professoras não são capacitadas como deveriam ser, e eu acho também que pelo fato de uma professora ter que dar aula três turnos, eu acho que acaba não dando tempo pra ela se organizar mais, planejar uma aula melhor, acho que acaba sendo esse motivo”.
Trabalho	Exerce trabalho remunerado	Não	“Não”
	Dificuldade em conseguir emprego	Sim	“Sim”  _Qual ou quais?  “Falta de experiência, e também eu acho que pelo fato de ser da zona rural,

			<p>acho que tem esse preconceito também, na hora de conseguir emprego, o pessoal da cidade acaba tendo mais oportunidade também, porque eles acha que nunca vai chegar no horário certo pro trabalho”.</p>
Perspectivas para o futuro	Perspectivas/Continuar os estudos para além da graduação	Mestrado	<p>“Sim pretendo, no máximo mestrado, só quero ir até o mestrado”.</p> <p>_Por quê?</p> <p>“Não sei, a princípio eu to pensando no mestrado porque eu quero ser professora”.</p>
	Permanência na comunidade	Não	<p>“Pretendo mudar, não pretendo ficar não, mas, não quero perder o vínculo aqui</p>

			não”.
--	--	--	-------

J6.

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	Ensino Médio	Já concluiu	“Não, já concluí”
Educação Formal	Escolaridade	Ensino Superior incompleto (Agronomia)	“Ensino superior, na UFRB”.
	Transporte da comunidade até a UFRB	Não	“Não”
	Como você faz esse deslocamento	Moto	“Eu vou de moto”.
	Condição da estrada	Péssima	“A estrada é péssima, tem muita poeira, principalmente quando passa a máquina e fica com bastante poeira mesmo, e pra gente que anda de moto é bem péssimo mesmo, às vezes eu prefiro até a estrada ruim que não tem poeira do que a estrada boa cheia de poeira que

			quando passa carro enche a gente de poeira, e também a prefeitura demora para passar a máquina”.
	Adaptação na UFRB	Difícil no início, mas, adaptou-se bem.	“Eu me adaptei no início foi difícil, mas, depois melhorou, a gente pega a rotina acostuma, pra todo mundo é assim”.
	Preconceito por ser da Zona rural	Não	“Não”.
	Ensino na escola onde cursou o Ensino Médio e relação com a sua realidade	No ensino Médio não, na Universidade sim.	“Lá não, mas, na UFRB como eu faço agronomia tem muita coisa relacionada, mas, lá na escola não”.
	Seria melhor se houvesse a oferta de Ensino Médio na comunidade onde vive	Não	“Eu acho que não pra mim a cidade é melhor porque lá a convivência com as pessoas é melhor do que só conviver com o

			<p>peçoal da zona rural, é bom pra troca de experiência né, porque aqui as experiências são as mesmas né”.</p>
	<p>Porque considera o ensino da comunidade ruim</p>	<p>Falta de Capacitação para a professora e excesso de carga horária.</p>	<p>“Eu acho que as professoras não são capacitadas como deveriam ser, e eu acho também que pelo fato de uma professora ter que dar aula três turnos, eu acho que acaba não dando tempo pra ela se organizar mais, planejar uma aula melhor, acho que acaba sendo esse motivo”.</p>
Trabalho	<p>Exerce trabalho remunerado</p>	Não	“Não”
	<p>Dificuldade em conseguir emprego</p>	Sim	<p>“Eu já porque o simples fato de morar na zona rural tem que colocar no currículo que</p>

			<p>mora, aí eles não gostam do pessoal da zona rural porque pensam que sempre vai chegar atrasado e isso não é verdade, muitas vezes as pessoas que moram na zona rural e vai pra cidade alugam uma casa lá, se mudam pra lá não vai todos os dias, pra poder trabalhar”.</p>
<p>Perspectivas para o futuro</p>	<p>Continuar os estudos para além da graduação</p>	<p>Mestrado se não conseguir emprego</p>	<p>“Olha, a minha meta é me formar e conseguir um emprego, aí se eu não conseguir um emprego logo aí eu vou fazer um mestrado”.</p>
	<p>Perspectivas</p>	<p>Se não conseguir um emprego, pretende investir no sítio e realizar</p>	<p>“E também né, se no futuro eu não conseguir um emprego eu venho investir</p>

		mestrado.	aqui no sítio, porque lá eu já vou ter aprendido as técnicas e aqui eu vou colocar em prática, aí eu posso até fazer um mestrado colocando em prática aqui né”.
	Permanência na comunidade	Não	<p>“ Eu não, só se, na verdade não”.</p> <p>_ porque?</p> <p>“Porque aqui é a fazendo do meu vô, aí eu queria morar na cidade porque é mais perto de tudo, é mais fácil pra tudo, aqui eu poderia colocar em prática, mas, não pra morar”.</p>

J7.

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	Ensino Médio	Já concluiu	“Não, já concluí”.
Educação Formal	Escolaridade	Ensino Superior incompleto (Agroecologia)	“Ensino superior, na UFRB”.
	Transporte da comunidade até a UFRB	Não	“Não”
	Como você faz esse deslocamento	Moto, Topik	“As vezes de moto, ou então pego a topik que é particular”.
	Condição da estrada	Ruim	“Ruim”.
	Adaptação na UFRB	Mediana	“Mais ou menos, algumas dificuldades como qualquer outra”.
	Preconceito por ser da Zona rural	Não	“Não”.
	Ensino na escola onde cursou o Ensino Médio e relação com a sua realidade	No ensino Médio não, na Universidade sim.	“Alguns sim, alguns não”.  _ E na UFRB? “Tem Porque as vezes os cursos oferecido lá tem muita da realidade que a gente passa aqui, depende do

			curso ”.
	Seria melhor se houvesse a oferta de Ensino Médio na comunidade onde vive	Em dúvida	<p>“Tem o ponto positivo e o negativo, porque o positivo é se a pessoa ficar só na zona rural fica preso só ali na zona rural e não se desenvolve quando vai pra cidade, e o ponto negativo é que muitas vezes tem dificuldade para os alunos se deslocarem daqui pra zona urbana”.</p> <p>_ quando você estudava no ensino médio tinha transporte?</p> <p>“Tinha precário, mas, tinha um Ônibus”.</p>
Trabalho	Exerce trabalho remunerado	Sim, Agricultura.	“Só aqui na zona rural mesmo, na hora que dá, na agricultura ”.
	Dificuldade em	Sim	“Muita”.

	conseguir emprego		<p>_ Qual ou quais?</p> <p>“A falta de experiência e as oportunidades são poucas”.</p>
Perspectivas para o futuro	Continuar os estudos para além da graduação	Sim	“Pretendo, com tudo que der pra fazer eu vou fazer”.
	Perspectivas	Emprego, coisas boas.	“Tudo de bom, um trabalho ”.
	Permanência na comunidade	Sim	<p>“Pretendo né, depende do desenrolar das coisas, a gente não sabe”.</p> <p>_ por quê?</p> <p>“Porque eu gosto da zona rural ”.</p>

J8.

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
	Ensino Médio	Já concluiu	“concluí”
Educação Formal	Escolaridade	Graduação: Licenciatura em letras, Pós-Graduação	“Estudo na UFRB, em gestão de cooperativas e

		em andamento: Psicopedagogia -Ambos pela UNOPAR  Graduação em andamento: Tecnologia em Gestão de Cooperativas - UFRB	faço pós em psicopedagogia”  _Então você já fez uma graduação, qual?  “Licenciatura em letras pela UNOPAR”.
	Transporte da comunidade até a UFRB	Atualmente mora na sede	“Eu não to mais morando aqui, atualmente moro em Cruz das Almas”
	Razões que a levaram a morar na zona urbana	Melhores oportunidades	“Busca por melhores oportunidades, a questão da acessibilidade”.
	Da zona rural para zona urbana	Cinco Anos	“Sempre morei aqui, mas, tem cinco anos que eu to morando lá”.
	Moradia na cidade	Mora de favor	“Eu moro assim de favor”.
	Adaptação na UFRB	Normal	“Sim”.
	Preconceito por ser da Zona rural Na escola durante o Ensino Médio	Sim	“Sim”.  _Qual ou quais?

			<p>“Por conta de chegar atrasada, por ser da zona rural, aí todo mundo excluía, acho que hoje já mudou bastante por que hoje a gente tem mais acesso, a tecnologia e tudo, mais antes era constrangedor”.</p>
	<p>Ensino na escola onde cursou o Ensino Médio e relação com a sua realidade</p>	<p>Insuficiente</p>	<p>“Muito pouco, eu acho q na realidade fugia um pouco do nosso contexto da nossa realidade da gente que morava na zona rural, aí tinha muita cobrança, muitas pesquisas e a gente não tinha esse acesso todo, então eu acho que na verdade o ensino era mais direcionado as</p>

			<p>peessoas que moravam o pessoal da cidade, pelo meu entender eu acreditava que era isso”.</p>
	<p>Seria melhor se houvesse a oferta de Ensino Médio na comunidade onde vive</p>	<p>Depende</p>	<p>“Só se o governo investisse mais em meios tecnológicos e em bons profissionais, porque eu acho que ninguém quer trabalhar mais na zona rural”.</p>
<p>Trabalho</p>	<p>Exerce trabalho remunerado</p>	<p>Sim, Professora.</p>	<p>“Trabalho”</p> <p>_em que?</p> <p>“Agora professora, na educação infantil”.</p>
	<p>Dificuldade em conseguir emprego</p>	<p>Sim</p>	<p>“Senti”</p> <p>_ Qual ou quais?</p> <p>“por mais que você tenha</p>

			diferencial o mercado de trabalho ta muito competitivo, eu até achava que a graduação ia ser diferencial, mas, o mercado ta muito competitivo”.
Perspectivas para o futuro	Continuar os estudos para além da graduação	Sim	“Mestrado”.
	Perspectivas	Melhoria de salários, e mais oportunidades.	“Ah eu quero mais oportunidades, melhores salários”. <sup>3</sup>
	Permanência na comunidade	Não	“Não, Eu já tenho cinco anos morando em cruz, já tenho uma adaptação, não vou esquecer aqui, é onde ta minha casa, minha família, mas, pra voltar de repente casar ter filhos morar aqui não ”.

<sup>3</sup> Ah eu quero mais oportunidades, melhores salários, é desestimulante você trabalhar tanto e estudar tanto e no final você ver gente que não fez nada, recebendo muito mais, aí eu já parei pra me perguntar, será que vale a pena? Às vezes só pra dizer, é lindo você dizer que é mestre, que é pós-graduado, e cadê o retorno? Quando eu terminei a graduação eu não tava trabalhando em minha área, aí fiquei nervosa assim, por isso que eu comecei logo a pós, porque a gente fica assim pensando meu Deus do céu porque que eu estudei pra ficar no mesmo lugar, e todo mundo pergunta e o que mais chateia é que todo mundo pergunta, e parece que você não ta trabalhando porque não quer, “ah porque não sei o que, estuda e ta trabalhando fora da área, ta vendo”. Eu conheço uma menina que ela entrou em depressão ela é formada em economia pela UNEB, pela UNEB não pela UEFS e não conseguiu emprego na área, hoje ta trabalhando numa empresa particular ganhando pouco menos de dois salários mínimos, aí você se pergunta, mas, eu me consolo em saber que poderia estar pior, que poderia ser pior.